



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN  
**NEWSLETTER**

NÚMERO **161**  
JANEIRO 2015



**Tesouros dos Palácios Reais de Espanha**

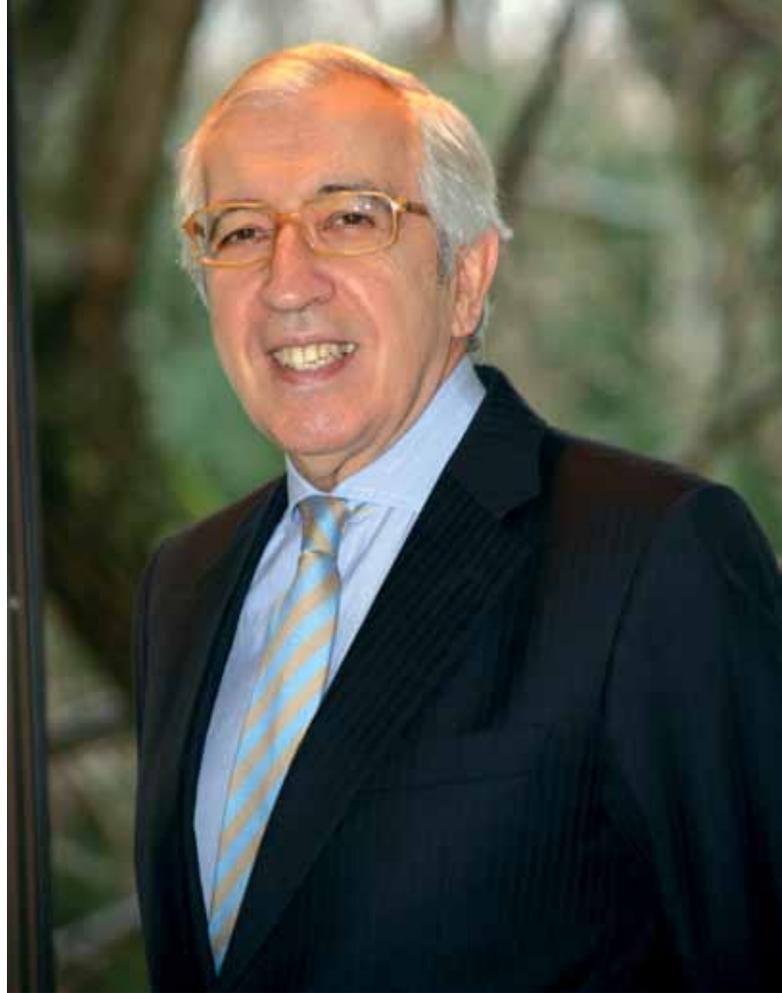
## Mensagem do Presidente

**2**015 constituirá mais um ano de importantes desafios para a Fundação Calouste Gulbenkian, atendendo às tensões geopolíticas, sociais e económicas à escala global, naturalmente com relevantes reflexos nas áreas geográficas onde a nossa intervenção está mais presente.

Temos também consciência de que o impacto das nossas atividades muito poderá beneficiar com a mobilização de outras instituições nacionais e externas para, em conjunto, ora liderando ora acompanhando, contribuir para a desejada mudança nas esferas social, económica e cultural. A concertação com múltiplos parceiros permitir-nos-á atuar de forma mais eficaz e com mais escala, multiplicando os recursos disponíveis.

Para nos ajudar a refletir sobre a nossa estratégia e ação contamos com Conselhos Consultivos externos em quase todos os domínios da nossa intervenção, em que participam personalidades representativas dos sectores mais relevantes, cujas opiniões e diretrizes são incorporadas nos planos e objetivos dos diferentes departamentos e programas. Somos uma instituição aberta ao mundo e é este mesmo mundo que nos motiva, honrando em permanência o legado do nosso fundador. A Fundação preparou por isso, para 2015, um plano de atividades que tentará maximizar o alcance das nossas iniciativas em áreas que consideramos como prioritárias para a sociedade.

Na sequência do Relatório “Um Futuro para a Saúde”, que apresentámos em setembro de 2014, com medidas concretas para salvaguardar a sustentabilidade do Sistema Nacional de Saúde português, com a participação de todos os sectores envolvidos, assumimos três “Desafios Gulbenkian” para os próximos anos, cruzando todas as dimensões daquele estudo: a participação dos cidadãos, do Governo, dos municípios, de organizações da sociedade civil, das empresas; a transversalidade das políticas; a defesa de ações de promoção e de educação para a saúde; a importância das lideranças e o reforço do trabalho em equipa; a qualidade como fator de mudança.



Do mesmo modo, na Conferência Gulbenkian de 2014, “Afirmar o Futuro – Políticas Públicas para Portugal”, foram identificadas medidas concretas em diferentes áreas que esperamos possam, em 2015, reunir consenso entre os agentes políticos, designadamente ao nível do investimento, do financiamento e da competitividade.

Outra iniciativa que este ano conhecerá desenvolvimentos significativos será a Plataforma Noroeste Global, para a qual a Fundação convidou inicialmente as Universidades de Aveiro, Minho, Porto e Católica Porto. A Cotec veio a integrar este núcleo inicial para facilitar e estimular o envolvimento de empresas inovadoras da região. Numa fase posterior, aderiram as Câmaras Municipais de Aveiro, Braga, Guimarães e Porto. Este projeto procura articular Território, Ciência e Economia e surge num momento em que vão estar disponíveis financiamentos nacionais e europeus que podem alavancar iniciativas estruturantes.

*A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.*

**NEWSLETTER** NÚMERO 161.JANEIRO.2015 | ISSN 0873-5980

**Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação** Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais  
**COLABORAM NESTE NÚMERO** Afonso Cabral | Ana Barata | Ana Mena | Inês Ribeirinho | **DESIGN** José Teófilo Duarte  
Eva Monteiro | João Silva | **DDLX** **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga | **IMAGEM DA CAPA** Imperatriz Maria de Áustria,  
Juan Pantoja de La Cruz, c.1600 (pormenor) **IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TIRAGEM** 9 000 exemplares  
Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt

Em 2015, arrancará também o projeto da Plataforma de Cooperação da Região Metropolitana de Lisboa que procurará afirmar o valor estratégico da macrorregião para a economia nacional e consolidar um ecossistema que promova sinergias entre as comunidades do conhecimento e os modelos da especialização inteligente. O Fórum das plataformas Noroeste Global e Cooperação da Região Metropolitana de Lisboa ocorrerá na Fundação e nele serão abordadas as principais áreas temáticas relacionadas com a investigação e a inovação.

Ao nível da Educação, a Fundação está a financiar dois importantes projetos que estarão concluídos em 2015: um estudo destinado a analisar a gestão e o financiamento das escolas públicas, e outro com o objetivo de identificar as linhas orientadoras que vão definir a natureza da oferta formativa de nível superior para o país, de forma a compatibilizá-la com as necessidades sentidas em recursos humanos para promover o nosso desenvolvimento. Foram estas mesmas necessidades que levaram a Fundação, com a Cotec e em parceria com a Everis, beneficiando do Alto Patrocínio do Presidente da República, a promover o estudo “Transforma Talento Portugal”, para a identificação, desenvolvimento e realização do Talento, que se espera venha a dar lugar a um movimento mobilizador no nosso país - da Família e da Escola à Universidade e à Empresa.

A Fundação está a tentar desenvolver as suas atividades em linha com as políticas europeias, designadamente quanto ao crescimento económico e ao emprego, em que a estratégia anunciada pela Comissão Europeia representa uma esperança. Estamos, por isso, atentos ao projeto Europeu e com este objetivo reforçamos a nossa cooperação com relevantes fundações europeias e *think tanks* para introduzir pensamento e liderança na construção de uma Europa que entendemos dever ser dos cidadãos e para os cidadãos. A Conferência Gulbenkian, no Outono de 2015, será, por isso, dedicada àquilo que consideramos desejável para a Europa nos próximos 20 anos.

Iremos continuar a utilizar as instalações da Fundação para acolher a reflexão e o pensamento mais pertinentes sobre as grandes questões contemporâneas. Ao mesmo tempo iremos diversificar a nossa programação cultural, que articularemos com as restantes atividades da Fundação, procurando atrair novos públicos. Os Concertos Participativos, iniciados em 2014, constituem um bom exemplo desta articulação, na medida em que mais do que a vertente educativa, fomentam também a prática musical amadora, a integração pelas artes ou a colaboração intergeracional. De igual modo, o concurso “Dá Voz à Letra” pretende reativar nos adolescentes o prazer da leitura, conjugando as componentes lúdicas, sociais e competitivas.

Nos nossos museus, este ano será marcado pela contratação de um novo diretor para o Museu Gulbenkian, através de um concurso internacional, e o CAM continuará a sua tarefa de valorizar a mais importante coleção de arte moderna portuguesa, salientando-se a exposição “Círculo Delaunay” que explorará a relação do casal Delaunay com outros artistas nacionais como Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana e Almada Negreiros.

A Fundação espera que, em 2015, não falem boas razões para vir à Gulbenkian.

**Artur Santos Silva**

## Índice

### primeiro plano

4 **Cantar alto sem se ouvir**

### notícias

7 **Fundação Gulbenkian e Comissão Europeia juntas no combate à doença em África**

9 **Bactérias do intestino protegem contra malária**

10 **Bolsa ERC para investigadora do IGC**

11 **Santa Casa da Misericórdia distingue cientista do IGC**

12 **O gosto pelo açúcar ganha bolsa de investigação**

12 **Carlos Moedas visitou IGC**

13 **Cancro Ponto e Virgula**

14 **Das práticas médicas antigas ao futuro da Medicina**

15 **Os museus como máquinas de contar histórias**

16 **É então isto para crianças?**

17 **Rumo a um Novo Pacto para a Europa**

18 **um outro olhar**

20 **breves**

### bolseiros gulbenkian

22 **Victor Barros**

### em janeiro

#### exposições

24 **Último mês para visitar quatro exposições**

#### cinema

26 **P'ra Rir! no Grande Auditório**

30 **Harvard na Gulbenkian chega ao fim**

#### música

31 **O mês do piano**

32 **novas edições**

33 **Catálogos de exposições na Biblioteca de Arte**

### uma obra

34 **Réplica da obra *Bailia***





Ensaio do coro *Mãos que Cantam*, com Sérgio Peixoto, na AFAS © Márcia Lessa

## Cantar alto sem se ouvir

Can-tar, verbo transitivo: Soltar canto, sons musicais, com a voz.

*O coro Mãos que Cantam, apoiado pelo PARTIS (Projetos Artísticos para a Inclusão Social), decidiu desafiar a definição do verbo e do ato de cantar. Constituído por um grupo de homens e mulheres com surdez, este conjunto interpreta a voz à sua maneira, transformando as mãos e o corpo num veículo de música que não se ouve, mas que se vê e que se sente. Os pulmões são substituídos por braços, a laringe toma o lugar dos pulsos, e língua, lábios e dentes são interpretados por falanges, falanginhas e falangetas; tudo para provar que a nossa voz somos nós que a construímos e o nosso ritmo somos nós que o mantemos.*

**T**udo começou em 2010, na Universidade Católica, quando um grupo de alunos de licenciatura e mestrado em Língua Gestual Portuguesa foi integrado no coro universitário. A ideia foi de Alexandre Castro Caldas, diretor do Instituto de Ciências da Saúde da universidade, do qual

faziam parte estes jovens. A iniciativa nasceu de uma necessidade. Por sentir que os alunos surdos não estavam devidamente integrados, percebeu que a solução poderia passar pela inclusão dos mesmos num processo artístico – precisamente as características do PARTIS, do Programa

Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, que dá apoio ao coro Mãos que Cantam desde 2013. A partir daí, o coro, o único deste gênero na Europa, foi ganhando autonomia. Quatro anos mais tarde, a ideia mantém-se, os coralistas vão entrando e saindo, mas o maestro é o mesmo desde o início – Sérgio Peixoto.

“Sugeriram-me este desafio de ligar a surdez com a música e eu aceitei, porque é um desafio único.” Sérgio Peixoto é diretor do coro de ouvintes, o coro “normal”, da Universidade Católica. Quando lho propuseram não sabia muito bem o que esperar e recaiu sobre ele a responsabilidade de pôr o conceito em prática: “Começamos a trabalhar formas de ligar conceitos musicais à surdez. Acima de tudo são conceitos à base do ritmo e de outras estruturas musicais como a forma da música e a polifonia.” Traduzir estas ideias para gestos é uma tarefa complicada, é o próprio maestro que o afirma. Só assistindo ao coro Mãos que Cantam em ação é que se consegue ter uma ideia do trabalho que está a ser desenvolvido. As harmonias vocais são transformadas em movimentos. Nem todos fazem o mesmo, há uma mistura de língua gestual e dança, com a difícil missão de ter de acompanhar o ritmo da música. “Muitas vezes as músicas são cantadas a duas ou três vozes e eles (os membros do coro) também cantam a duas ou três vozes. A diferença é que cantam com a língua deles, cantam com os gestos.”

O ponto de partida é invariavelmente o texto da música: “Eu apresento-lhes a letra e eles fazem a transcrição para língua gestual com a ajuda de símbolos que criámos. Não é literal porque eles procuram o sentido estético. Isto é um projeto artístico e o lado estético é muito importante para nós.”

### **PÔR MÃOS À OBRA**

Uma vez interpretado e traduzido o texto, chega a altura de ensaiar e pôr tudo em prática. À noite, alguns dos membros encontram-se na AFAS (Associação de Famílias e Amigos dos Surdos), um dos vários locais onde o coro ensaia. Sérgio Peixoto faz-se acompanhar de uma intérprete e cinco coralistas, pega no seu telefone, o único meio que tem para reproduzir a música e dá início ao ensaio. *We Are the Ones*, da banda We Trust, começa a tocar baixinho pela pequena coluna e o maestro começa a dar indicações. Há alguma pressa, a música é nova para o coro e faltam apenas dois dias para o concerto. No entanto, a situação é comum, o grupo atua com vários artistas, o que os obriga a variar muito o repertório. “É um grande desafio porque trabalhamos todo o tipo de música, desde música coral, porque o projeto nasceu com o coro de ouvintes da Universidade Católica, a outros géneros, e com muitos artistas, como por exemplo o Luís Represas ou a Sara Tavares.”

O grupo é pequeno, mas cheio de boa disposição, e a cumplicidade entre todos os membros é bem visível apesar do



trabalho que está pela frente. “Ao todo temos à volta de dez elementos, entre os 25 e os 50 anos, e não podemos ter mais. Ao longo destes anos percebemos que, com mais, tornar-se-ia muito complicado trabalhar o gesto.”

A noite ainda vai ser longa, mas aos poucos nota-se uma diferença no entrosamento entre todos. O que ao início parecia apenas uma tradução para língua gestual começa cada vez mais a tornar-se numa dança, mas a transformação é complexa. “Um trabalho que faço em duas horas com o coro de ouvintes pode durar cinco ou seis aqui”, explica Sérgio Peixoto, que entende que a integração foi tanto dele na comunidade surda como o oposto. “Lembro-me que o primeiro ensaio que fiz durou sete horas. Foi a primeira vez que me senti numa minoria, ou seja, estava rodeado de pessoas e eu era o único ouvinte, eu e a intérprete.” E se agora a ligação entre o coro e o maestro parece fácil, no início não foi assim: “É uma comunidade um bocado fechada e é muito difícil integrarmo-nos, mas as coisas acabaram por correr maravilhosamente. Também é para isso que isto serve, não é só para integrar os surdos, é para integrar os ouvintes na comunidade deles.”

Todos em círculo num pequeno escritório da AFAS e passado algum tempo a coreografia parece começar a ficar interiorizada por cada um, faltará agora passar para o palco e perceber a reação de quem vê. Habitualmente, conta o



Concerto dos We Trust no Teatro São Luiz © Márcia Lessa

maestro, as respostas são muito variadas. “É muito interessante ver a reação do público. Há de tudo, há pessoas que se emocionam. Normalmente há pessoas que acabam a chorar nos concertos. Há também indiferença, claro, há de tudo.”

### **O MELHOR É NÃO PARAR**

É sábado à noite e a banda We Trust prepara-se para tocar as últimas músicas do concerto. Sentados ali perto estão os membros do coro Mãos que Cantam. São professores de língua gestual, funcionários públicos, todos têm as suas profissões, mas nos minutos que se seguem vão ser cantores e contadores de histórias. Ouve-se o nome do coro ser chamado ao palco e o grupo sobe para debaixo das luzes do Jardim de Inverno do Teatro São Luiz. A participação é curta, mas vale o trabalho que tiveram umas noites antes. Cerca de 15 minutos em palco, com muita alegria e sentido de pertença, durante os quais o coro Mãos que Cantam mostra que a música não é exclusiva de quem ouve e pode ser sentida e interpretada por todos. “Cantam” temas como *We Are The Ones* e *Better not Stop* e a poucos metros, à frente do palco, Sérgio Peixoto vai dando indicações e tenta acompanhar o ritmo da banda. No público, vê-se quem olhe isto tudo com estranheza, quem esteja completamente intrigado e até gente que tenta acompanhar os gestos. A verdade é que, durante estes 15 minutos, todos ali se lembram que a surdez existe, está entre nós e deve ser mais integrada na

nossa sociedade. Do lado do coro, a satisfação final é notória. Os nervos do pré-concerto são substituídos por sorrisos de alívio e orgulho, acima de tudo porque puderam mostrar aquilo de que são capazes. Foi mais uma atuação no meio das muitas que o Mãos que Cantam tem agendadas, a última de 2014. Em 2015 prometem não parar.

### **O PROJETO EDUCATIVO E O FUTURO**

O Mãos que Cantam não pretende ficar apenas pelos palcos. Com o apoio do PARTIS (Fundação Gulbenkian), está a trabalhar num projeto educativo que consiste na criação de um *e-book* com os símbolos gestuais que têm transportado para o universo musical. Estão a construir um vocabulário novo, inexistente, uma linguagem musical para surdos que querem pôr em prática nas escolas com alunos surdos por intermédio de professores de música. Para Sérgio Peixoto, este é o grande objetivo do coro – dar continuidade ao caminho que estão a desbravar com este grupo reduzido. Entretanto, vão preparando o futuro em termos de concertos. Neste momento estão a trabalhar com um compositor da Escola Superior de Música, Carlos Garcia, que está a compor a primeira obra para coro de ouvintes e coro de surdos, uma peça especificamente criada para juntar estes dois mundos distintos. “Gostava muito que pudesse ser estreada com o Coro Gulbenkian”, revela o maestro. ■

# Fundação Gulbenkian e Comissão Europeia juntas no combate à doença em África



O presidente e a administradora da Fundação Calouste Gulbenkian, Artur Santos Silva e Isabel Mota, e o comissário europeu para a Investigação, Ciência e Inovação, Carlos Moedas, assinaram um Memorando de Entendimento, no dia 19 de dezembro, com o propósito de potenciar o desenvolvimento de novas soluções clínicas para a sida, a malária, a tuberculose e as doenças tropicais negligenciadas. Esta iniciativa enquadra-se na segunda fase do programa EDCTP (European and Developing Countries Clinical Trials Partnership), uma parceria entre a União Europeia e África, lançada em 2003, com um orçamento inicial de mil milhões de euros e que envolveu vários países europeus e africanos unidos no objetivo de apoiar a investigação em sida, malária e tuberculose, acelerando o desenvolvimento de fármacos, vacinas, microbicidas e diagnósticos novos ou melhorados para estas doenças. No âmbito deste programa foram apoiados vários projetos que cruzaram ensaios clínicos, reforço de capacidades e trabalho em rede.

Na cerimónia de assinatura do Memorando realizada na Fundação Gulbenkian, Artur Santos Silva sublinhou a importância deste compromisso que vai permitir uma “crescente aproximação dos investigadores europeus e africanos em prol de um desenvolvimento sustentável e partilhado”. Neste sentido, lembrou a ação desenvolvida pela Fundação Gulbenkian nesta área que, deste modo, “reafirma, o seu papel e experiência na promoção da Ciência, na valorização dos recursos humanos na área das Ciências da Saúde, no reforço da capacidade institucional

de universidades, centros de investigação e unidades de saúde, bem como no estabelecimento de redes cooperativas com os PALOP”. Sublinhando o grande “potencial desta parceria”, em particular na prevenção e tratamento das doenças tropicais negligenciadas, o presidente lembrou que a Fundação Gulbenkian, juntamente com outras fundações europeias, atribuiu 28 bolsas de pós-doutoramento e formou mais de 60 mestres e doutores africanos nesta área. Destacou também outro projeto, o CISA (Centro de Investigação em Saúde de Angola), que conta já com sete anos de trabalho conjunto entre o Camões – Instituto da Cooperação e Língua, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério da Saúde de Angola. A terminar, afirmou que a Fundação Gulbenkian “tudo fará para estar à altura da responsabilidade que vai assumir”, contribuindo de forma mais efetiva para “o desenvolvimento da investigação em saúde, tal como para a descoberta de soluções para os problemas que atrasam o crescimento dos países africanos”.

O Comissário Europeu para a Investigação, Ciência e Inovação, Carlos Moedas, congratulou-se pela dimensão e importância deste projeto, recordando que, aquando da recente viagem à África do Sul para a assinatura do programa EDCTP2, visitou um local onde se acumulavam centenas de pessoas, vítimas de SIDA e tuberculose. Esse momento deu-lhe a certeza de “estar a fazer aquilo que está certo”. Ao mesmo tempo, afirmou que a recente epidemia de ébola que matou milhares de pessoas, revelou a “enorme gravidade de não agir”. Defendeu, assim, que é preciso a partici-



Carlos Moedas, Isabel Mota, Leonor Parreira e Artur Santos Silva © Mária Lessa

pação de todos, e a união de esforços com um âmbito cada vez mais alargado e coordenado, sublinhando que os países africanos são membros de pleno direito desta parceria, em pé de igualdade com os países europeus. Terminou desenhando que a base de colaboração que permite este tipo de projetos vá progressivamente aumentando para que possa constituir um fator de mudança e desenvolvimento nos países africanos.

### **DOENÇAS TROPICAIS NEGLIGENCIADAS**

Recentemente lançado na Cidade do Cabo, na África do Sul, o segundo programa da Parceria – EDCTP2 – elegeu também as doenças tropicais negligenciadas como um dos alvos desta iniciativa, prevendo não apenas o financiamento de bolsas individuais e de projetos de investigação, como também o reforço das capacidades institucionais dos países da África subsariana e a implementação efetiva de ensaios clínicos adaptados ao contexto populacional de cada região.

Ancorado no sucesso do primeiro programa, o EDCTP2 pretende gerir um orçamento de dois mil milhões de euros na próxima década, assinalando uma nova era de cooperação entre a Europa e África, do ponto de vista da investigação e cooperação clínica, com os países dos dois continentes a assumir uma parceria ao mesmo nível. Para tal, a União Europeia contribui com 683 milhões de euros, por intermédio do programa comunitário *Horizon 2020*, sendo a restante

verba, cerca de 1,5 mil milhões, garantida pelos países europeus envolvidos neste programa – Áustria, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Espanha e Reino Unido – e por 11 países africanos – Camarões, República do Congo, Gâmbia, Gana, Moçambique, Níger, Senegal, África do Sul, Tanzânia, Uganda, Zâmbia, Mali e Burkina Faso.

A colaboração da Fundação nesta iniciativa decorre do alargamento desta parceria a instituições privadas com capital de experiência nas áreas-alvo do programa, como forma de agilizar processos de cofinanciamento e de potenciar projetos das várias instituições envolvidas no sector. Exemplo disso é a parceria com a Bill & Melinda Gates Foundation, que efetuou uma contribuição financeira de 14,1 milhões de euros entre 2006 e 2013 no cofinanciamento de projetos na área da malária.

A Fundação Gulbenkian tem sido precursora no campo das doenças tropicais negligenciadas, participando desde 2008, numa iniciativa que agrega várias fundações europeias em torno deste grupo de doenças. A parceria estabelecida entre a União Europeia e a Fundação Gulbenkian reconhece ainda o papel e experiência da Fundação na promoção e valorização dos recursos humanos, no reforço da capacidade institucional e no estabelecimento de redes cooperativas com os PALOP. Será também criado um espaço de oportunidade para que instituições de investigação portuguesas reforcem a sua projeção e dimensão internacionais. ■



© Roberto Keller IGC

## Bactérias do intestino protegem contra malária

**N**um estudo publicado na revista científica *Cell*, uma equipa de investigação liderada por Miguel Soares, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), descobriu que componentes específicos das bactérias residentes no intestino podem esboçar um mecanismo natural de defesa que protege contra a transmissão de malária.

Alguns dos micróbios que residem no nosso intestino expressam na sua superfície moléculas de açúcar, conhecidas por “carboidratos” ou “glicanos”. Estes glicanos podem ser reconhecidos pelo sistema imune humano, resultando na produção de anticorpos naturais que se ligam a essa molécula. Bahtiyar Yilmaz, estudante de doutoramento no laboratório de Miguel Soares e primeiro autor do estudo, descobriu que o parasita *Plasmodium*, o agente responsável pela malária, expressa uma molécula de açúcar chamada alfa-gal que também é expressa na superfície de uma estirpe de *Escherichia coli* (*E. coli*), existente no intestino humano. Através de experiências realizadas em ratinhos, Bahtiyar Yilmaz descobriu que as bactérias induzem a produção de anticorpos naturais anti-alfa-gal que também se

vão ligar ao alfa-gal do parasita *Plasmodium* imediatamente após a sua inoculação na pele pelo mosquito, bloqueando a transmissão da malária. Quando os ratinhos são vacinados contra uma molécula sintética de alfa-gal produzem elevados níveis de anticorpos anti-alfa-gal altamente protetores contra a transmissão de malária por mosquitos. Se este “truque” pode ser aplicado em humanos, de forma a proteger contra a transmissão de malária, é uma questão que permanece por responder.

Sabe-se que as crianças com menos de três anos de idade são mais suscetíveis de contrair malária. A equipa de investigação observou que crianças dessa idade não têm anticorpos naturais contra alfa-gal, ao contrário do que acontece com indivíduos adultos. “Uma das maravilhas do mecanismo protetor que descobrimos é que pode ser induzido através de um protocolo de vacinação *standard*, levando à produção de elevados níveis de anticorpos anti-alfa-gal que se podem ligar e matar o parasita *Plasmodium*. Se pudermos vacinar crianças de tenra idade contra alfa-gal, muitas vidas podem ser salvas”, diz Miguel Soares. ■



Raquel Oliveira © Roberto Keller IGC

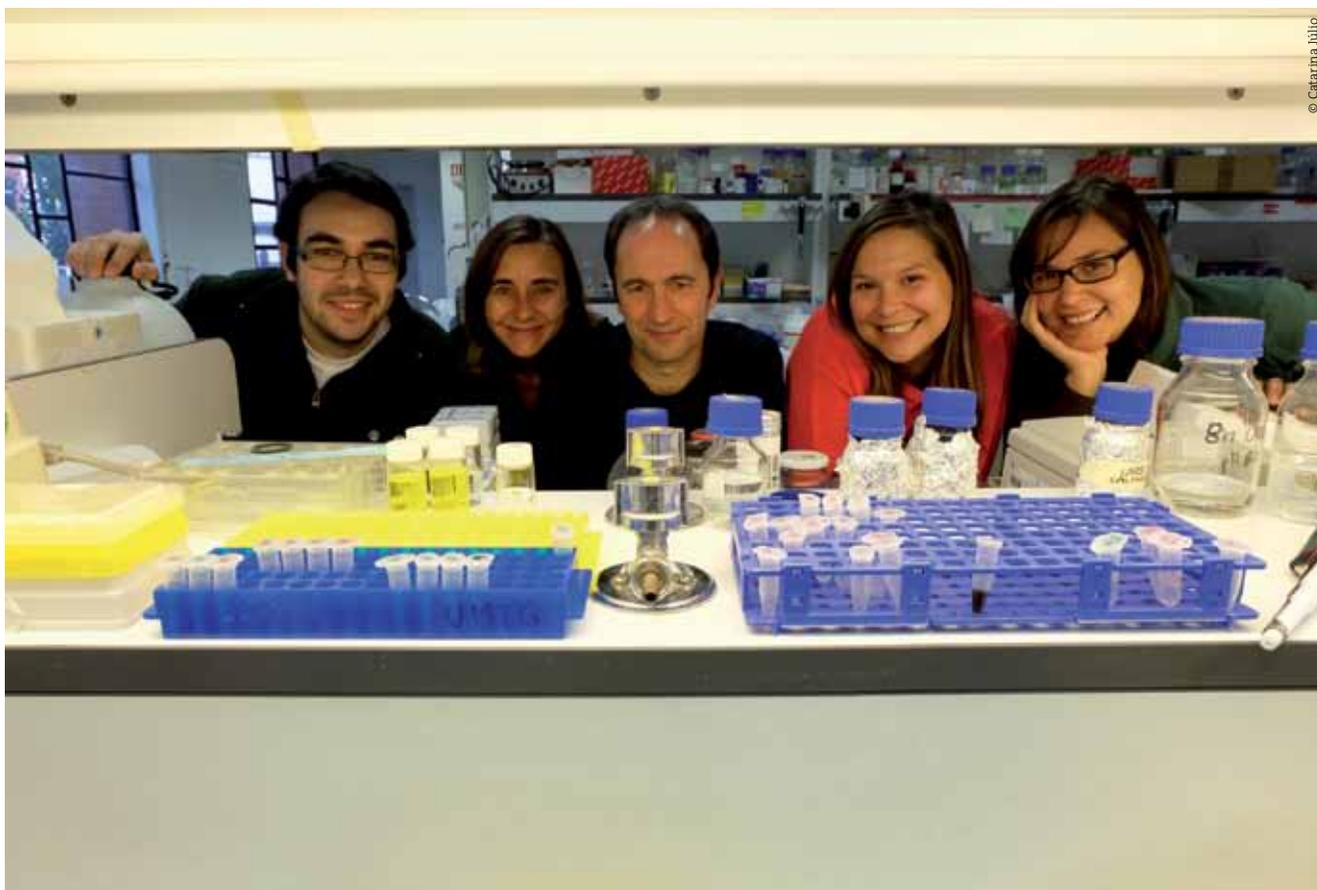
## Bolsa ERC para investigadora do IGC

**R**aqael Oliveira, investigadora do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), vai receber uma Bolsa Starting do Conselho Europeu de Investigação (ERC) com o valor aproximado de 1,5 milhões de euros. Este financiamento de cinco anos irá apoiar Raquel Oliveira na sua investigação sobre o modo como a morfologia dos cromossomas influencia a divisão celular. Esta é a nona bolsa ERC atribuída ao IGC desde o início deste programa de financiamento europeu, em 2007.

O projeto, agora financiado, procura perceber melhor o papel dos cromossomas durante a divisão celular. Com este projeto, Raquel Oliveira vai tentar compreender um dos maiores mistérios da biologia da célula: como é que o DNA se compacta em cromossomas durante a divisão celular. Mais concretamente, a investigadora vai investigar de que modo anomalias nos cromossomas afetam o desenvolvimento e a homeostasia dos tecidos. Este é um aspeto

importante na compreensão da forma como problemas estruturais dos cromossomas podem eventualmente contribuir para o desenvolvimento do cancro.

Raquel Oliveira diz que este prémio vai ter um enorme impacto no desenvolvimento do seu recente grupo de investigação. E acrescenta: “Este grande financiamento dá-me estabilidade para me focar na ciência que faço, em vez de estar constantemente preocupada com financiamento, que é escasso no atual panorama. Isto vai permitir-me dissecar questões fundamentais e desafiantes acerca da importância dos cromossomas durante a divisão celular.” Além de Raquel Oliveira, também Nuno Alves e Ana Carvalho, do Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC) da Universidade do Porto, Ana Cecília Roque, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, e Megan Carey, da Fundação Champalimaud, foram galardoados com o mesmo financiamento europeu. ■



## Santa Casa da Misericórdia distingue cientistas do IGC

**N**a segunda edição dos Prémios Santa Casa Neurociências, o Prémio Melo e Castro foi atribuído a uma equipa do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) liderada por Moisés Mallo. O Prémio Melo e Castro, no valor de 200 mil euros, distingue projetos de investigação na área de recuperação e tratamento de lesões vertebro-medulares. O projeto vencedor de Moisés Mallo vai investigar quais as características moleculares das células que originam a espinal medula numa fase embrionária, e como se pode promover a sua produção em quantidades suficientes para um transplante.

Segundo Moisés Mallo, este projeto “tem origem na ideia de que as células que naturalmente produzem a medula espinal durante a nossa fase embrionária, podem ser as

células melhor qualificadas para regenerar a medula espinal danificada nos pacientes”.

Além do Prémio Melo e Castro, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa atribuiu o Prémio Mantero Belard (para projetos na área das doenças degenerativas), a uma equipa de investigação do Centro de Neurociências e Biologia Celular da Universidade de Coimbra, liderada por Rodrigo Pinto da Cunha.

A entrega dos Prémios Santa Casa Neurociências 2014 decorreu em novembro no Palácio Nacional da Ajuda, numa cerimónia que contou com a presença do primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, do provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Pedro Santana Lopes, do júri e dos representantes das equipas vencedoras. ■

# O gosto pelo açúcar ganha bolsa de investigação

**A**na Domingos, investigadora no Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), e Nuno Morais, investigador no Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, foram os cientistas portugueses contemplados com duas Bolsas de Instalação da Organização Europeia de Biologia Molecular (EMBO). Este financiamento, com um valor de 50 mil euros anuais por um período máximo de cinco anos, é atribuído a jovens investigadores que estão a iniciar os seus laboratórios de investigação.

Com este financiamento, Ana Domingos, investigadora principal do grupo “Obesidade” no Instituto Gulbenkian de Ciência, pretende continuar os seus estudos na área de neurobiologia da obesidade, na identificação dos mecanismos moleculares de recompensa que estão associados à ingestão de açúcar. A investigadora explica que gostar de açúcar e gostar ainda mais quando se está a fazer uma dieta são “questões importantes que estão relacionadas”. Para a investigadora, que instalou o seu laboratório no IGC há apenas um ano, este financiamento estável ao longo de três a cinco anos permitir-lhe-á focar-se na ciência, uma



Ana Domingos © Roberto Keller IGC

vez que lhe dará a liberdade e os meios para realizar as experiências necessárias ao progresso do projeto. Diz Ana Domingos que “esta é também uma ótima oportunidade para contactar com outros jovens investigadores que trabalham na Europa e com quem se pode estabelecer colaborações no futuro”.

Em 2014, a EMBO atribuiu oito Prémios de Instalação em quatro países europeus. Esta é a quinta vez que este prémio é atribuído a cientistas do Instituto Gulbenkian de Ciência. ■

## Carlos Moedas visitou IGC

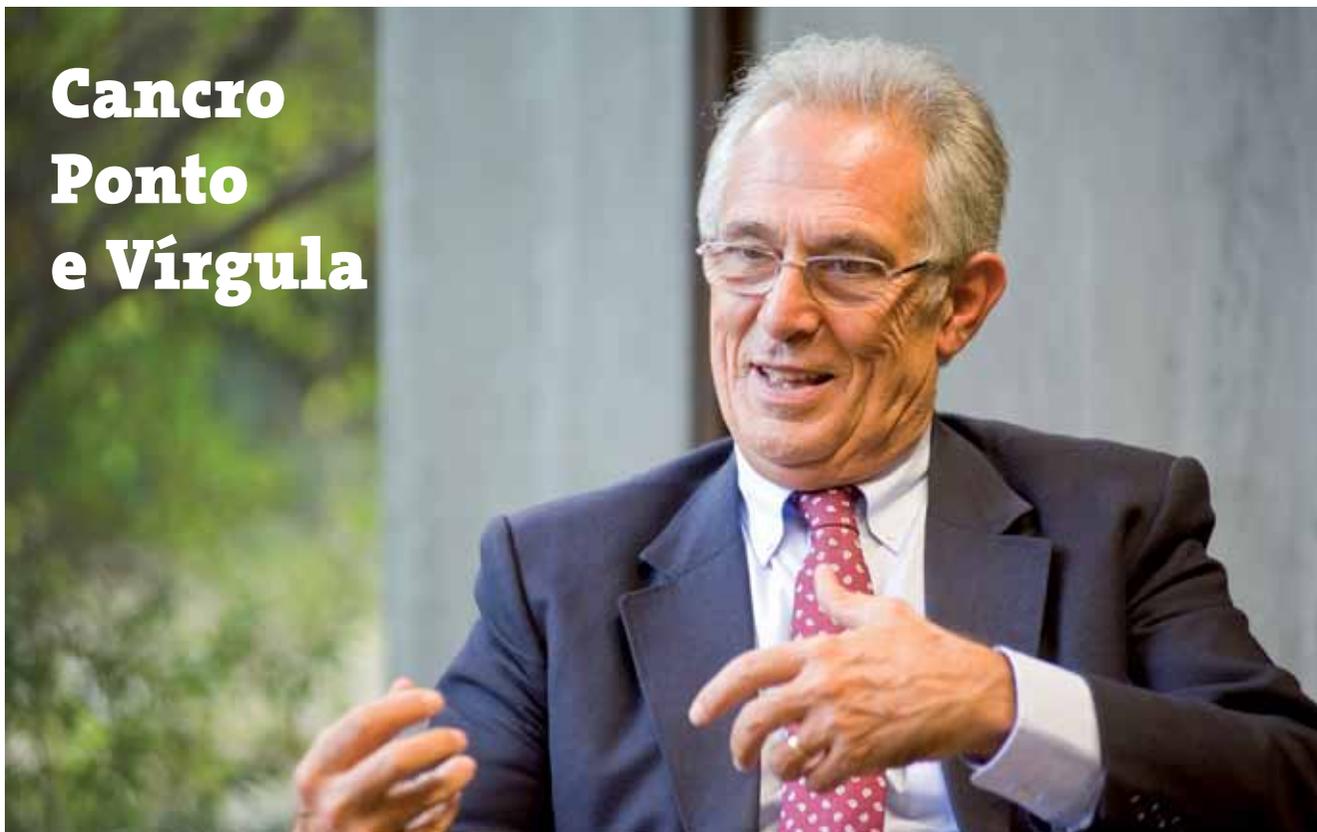
**O** Comissário Europeu para a Investigação, Ciência e Inovação, Carlos Moedas, visitou o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) em novembro, durante a sua primeira deslocação oficial a Portugal. Acompanhado pelo presidente da Fundação e membros do Conselho de Administração, Carlos Moedas conversou com os cientistas sobre a investigação científica e os principais desenvolvimentos tecnológicos realizados no IGC.

O comissário português é o responsável pela gestão do programa-quadro Horizonte 2020, um programa de apoio à investigação e inovação da União Europeia, com um orçamento de quase 80 mil milhões de euros para o período entre 2014 e 2020. “A inovação e a investigação são a chave para o crescimento que queremos na Europa: um crescimento sustentável que promova a qualidade de vida dos europeus”, afirmou Carlos Moedas num comunicado divul-



gado em Bruxelas, após o anúncio da pasta que lhe foi atribuída na nova Comissão Europeia. ■

# Cancro Ponto e Vírgula



Manuel Sobrinho Simões © Márcia Lessa

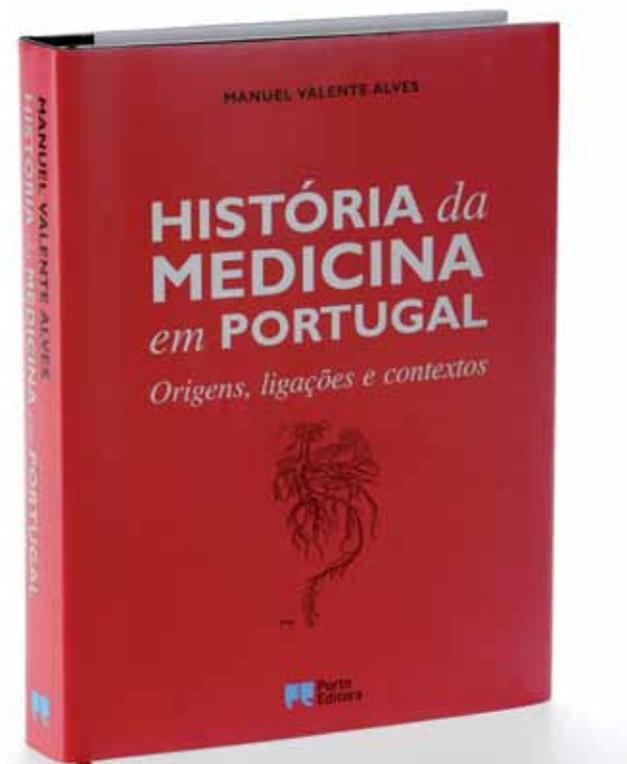
*Uma exposição interativa sobre prevenção do cancro, dirigida a alunos do ensino secundário, vai ser apresentada na Fundação Calouste Gulbenkian, de 26 a 31 de janeiro, pelo Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto. “As pessoas não sabem bem o que é o cancro”, diz Manuel Sobrinho Simões.*

“**A**quela ideia de que fumar faz mal não tem funcionado em Portugal. A prevenção é, antes de mais nada, comportamental, e nós temos tido uma experiência terrível”, alerta o diretor do Instituto de Patologia e Imunologia Molecular (IPATIMUP), Manuel Sobrinho Simões, que refere o aumento continuado do número de jovens mulheres fumadoras, como um sinal de que as jovens não estão sensíveis à ideia de que fumar “faz muito mal”. Para contrariar esta tendência, ao longo de uma semana, no final de janeiro, cerca de 800 jovens de duas dezenas de escolas secundárias da área de Lisboa serão acompanhados por investigadores e especialistas do IPATIMUP, “todos cientistas entre os 25 e os 35 anos”, em visitas guiadas à exposição *Cancro Ponto e Vírgula* e em sessões de discussão em torno de filmes sobre a prevenção do cancro, na Fundação Calouste Gulbenkian, num ambiente de contacto informal. Usando o conhecimento real de seis cancros muito frequentes – cólon/reto, estômago, tireoide, pele, colo do útero

e mama –, e dos quais o IPATIMUP tem muita experiência, pretende-se que os jovens percebam como é que aqueles cancros surgem e como se pode evitá-los. “No fundo, é uma literacia de compreensão para a prevenção”, resume o professor catedrático que, ao fim de mais de 40 anos de ensino, continua a dar aulas práticas todas as quintas-feiras às oito e meia da manhã. “Sou professor, depois sou médico e depois sou vagamente cientista, para ser melhor professor.” Depois da forte afluência de público à Câmara Municipal do Porto, onde o IPATIMUP organizou, em maio do ano passado, a exposição *Os Passos da Ciência nos Paços do Concelho*, a exposição *Cancro Ponto e Vírgula* retoma alguns desses materiais em Lisboa, adaptando-os exclusivamente para alunos do secundário. “Porque é que as freiras têm tanto cancro da mama?” ou “Porque é que os corredores de maratona raramente têm cancro?” são algumas questões que os organizadores desta iniciativa esperam ser eficazes no despertar da curiosidade dos jovens visitantes. “Queremos

sempre explicar porquê”, afirma o diretor da instituição que em 2014 comemorou 25 anos de atividade. Manuel Sobrinho Simões defende que se apreende melhor o sentido das coisas se explicarmos o porquê, em vez de instruir. “As pessoas não sabem bem o que é o cancro, acham que é uma espécie de infeção. Não é. O cancro é uma coisa que nasce dentro de nós. Não há nada tão parecido connosco.

Um cancro seria mais parecido comigo do que um irmão gémeo... As pessoas têm de ter consciência disso”, sustenta Manuel Sobrinho Simões. “O cancro surge dentro de nós e não respeita as fronteiras, é isso que o caracteriza. De resto, os tecidos são exatamente iguais aos nossos. É impressionante. E o nosso objetivo é que os miúdos percebam isso e como se pode prevenir.” ■



## Das práticas médicas antigas ao futuro da Medicina

O livro *História da Medicina em Portugal – Origens, ligações e contextos*, da autoria de Manuel Valente Alves, médico e investigador, mostra a evolução da medicina portuguesa entrelaçada com a ciência, as artes visuais, a filosofia, a política e outros domínios do saber. Profusamente ilustrado com centenas de imagens criteriosamente selecionadas, muitas delas provenientes de alguns dos mais importantes museus, bibliotecas e arquivos históricos do mundo, este livro apoiado pelo Programa Gulbenkian Inovar em Saúde, escrito em linguagem simples e acessível mesmo a leitores não especializados, constitui uma surpreendente viagem através da História da Medicina, desde os seus primórdios até aos dias de hoje, centrada na realidade portuguesa.

A obra é composta por mais de uma centena de pequenas narrativas históricas, organizadas cronologicamente, que se ligam entre si configurando uma história global da Medicina. O autor começa por abordar algumas práticas médicas antigas, fundadoras do racionalismo médico, presentes em civilizações como a egípcia, a chinesa, a indiana

e a grega; atravessa a Idade Média, uma época marcada pela medicina monástica, pela medicina árabe e pelo nascimento das universidades; analisa a época do Renascimento, em que destaca a emergência da moderna medicina científica, a fundação do Hospital Real de Todos os Santos e a rede das Misericórdias. O autor cruza ainda o século XVII, em que aborda, entre muitos outros aspetos, a Medicina no quadro da Revolução Científica e da emergência dos Estados-nação; reflete sobre o século XVIII, com destaque para a reforma pombalina e os grandes movimentos filosóficos e políticos desse tempo; percorre o século XIX, em que se assiste à progressiva especialização da Medicina e a reformas pioneiras no campo da saúde pública em Portugal; e os séculos XX e XXI em que o desenvolvimento tecnocientífico se traduz num progresso sem paralelo da Medicina, no qual Portugal participa ativamente, com investigação e iniciativas pioneiras em algumas áreas. Termina com uma reflexão sobre o futuro da Medicina na era da globalização avançada. A edição é da Porto Editora. ■

# Os museus como máquinas de contar histórias

Conferência sobre a dimensão educativa das instituições culturais

O desafio dos museus é passarem da preservação de um contexto ou de uma coleção de objetos, para se transformarem numa “máquina de contar histórias”, defendeu Charles Esche, orador principal da conferência *Que lugares para a Educação?*, organizada em dezembro pelo DESCOBRIR – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência, no âmbito de um processo de reflexão interna da Fundação Calouste Gulbenkian, em relação ao seu próprio papel na área da educação não formal.

O diretor do Van Abbemuseum, de Eindhoven, e um dos curadores da 31.ª Bienal de São Paulo (2014) baseou a sua apresentação numa passagem de Walter Benjamin em *The Concept of History*, de 1940, para afirmar que uma das principais funções de um museu de arte moderna e contemporânea é tentar explicar a História recente, permitindo uma compreensão do presente. Numa intervenção essencialmente teórica a que chamou “O museu, os seus utilizadores e o momento contemporâneo”, apontou o “excesso global”, “o fim do Estado (tal como o conhecemos)” e a “oligarquia pseudodemocrática” como fatores para o aparecimento de novas funções para as instituições culturais. Criticou, entre outros aspetos, a forma como as instituições culturais tentam ultrapassar “uma crise de sentido” com o aumento da dimensão dos museus, das suas coleções e do número de visitantes – “crises de elefantismo”, chamou-lhe –, dando como exemplo a própria instituição que dirige na Holanda e que viu o seu edifício original, de 1936, crescer para um edifício pós-moderno em 2003.

No papel de comentador desta conferência esteve David Fleming, que apresentou uma visão mais prática do tema em discussão: “As instituições culturais não podem reinventar o Estado mas podem ajudar”, afirmou o diretor do National Museums Liverpool, que destacou a importância dos contextos geográficos e urbanos, para assinalar a missão da organização que dirige como um “serviço museológico inclusivo”. Assumindo um papel pro-ativo dos “seus” projetos museológicos, David Fleming defende que os museus devem “contar histórias que evocam emoções, não temendo essa instrumentalização”, numa ótica de justiça social e de relacionamento com a sociedade civil, referindo o exemplo de exposições sobre o envelhecimento e a demência, o racismo ou a transexualidade, expressando simultaneamente uma preocupação com a renovação de públicos dos museus, e das instituições culturais em geral.



Van Abbemuseum

Por fim, o ensaísta e curador independente de arte contemporânea, Delfim Sardo, também destacou no seu comentário o papel do museu como “máquina social de contar histórias”. Entre outros aspetos mais conceptuais ligados ao(s) modernismo(s), defendeu que os museus devem questionar-se, sobretudo, não sobre que coleções expor, mas sim sobre “que sociedade projetar”, referindo a forma como se organizou a exposição *O Processo SAAL: Arquitetura e Participação, 1974-1976*, que o próprio comissariou e que estará patente no Museu de Serralves, no Porto, até dia 1 de fevereiro.

No debate que se seguiu, motivado pelas questões colocadas por quem assistiu à conferência, num auditório praticamente lotado e onde se encontravam muitos profissionais do sector cultural, entre os quais a diretora do serviço educativo do Rijksmuseum, falou-se ainda das dificuldades orçamentais com que se deparam as instituições culturais, da “ditadura dos números” (em termos de visitantes), dos “discursos fechados” e dos “discursos populistas”, de “programações elitistas” e do facto de na sala não estarem presentes decisores políticos com responsabilidades nas referidas organizações. “Os políticos e os gestores nunca aparecem quando é para discutir temas difíceis. É a vida”, ironizou David Fleming. ■



## É então isto para crianças?

**N**os dias **9 e 10 de fevereiro** realiza-se na Fundação o colóquio *É então Isto para Crianças? – Criações para a Infância e a Juventude*. O encontro pretende responder às perguntas: o que é afinal uma criação para a infância?; cria-se para, ou será que o que é criado encontra naturalmente, na sua fase final e última, aquele a quem se destina? Com estas interrogações como ponto de partida, propõe-se aos intervenientes e ao público uma reflexão sobre o papel das múltiplas atividades para crianças existentes neste momento, como os serviços educativos dos museus, as edições de livros infantojuvenis ou os ciclos de cinema e música dedicados aos mais jovens.

O colóquio, comissariado por Inês Fonseca Santos, irá reunir escritores, compositores, ilustradores e investigadores, que tentarão dar as suas respostas às questões que lhes vão ser propostas durante estes dois dias dedicados às crianças e à juventude. Serão desafiados a trazer um livro, um filme, uma canção ou outra criação que os tenha influenciado durante a infância, com o objetivo de fomentar um momento de partilha e de troca de experiências e modos de criar. A fechar o dia 9, um espetáculo único com Manuela Azevedo, Hélder Gonçalves, André da Loba e B Fachada promete ser um dos pontos altos do colóquio. ■ [www.gulbenkian.pt](http://www.gulbenkian.pt).



### Vencedores conhecidos no dia 7 de fevereiro

**A**inda no âmbito do colóquio *É então Isto para Crianças?*, no sábado, 7 de fevereiro, os dez finalistas do concurso *Dá Voz à Letra* apresentam-se num espetáculo na Fundação Calouste Gulbenkian. Os jovens entre os 13 e os 17 anos foram desafiados a ler textos em português em voz alta. Das mais de 350 propostas recebidas, foram selecionados os 10 favoritos – cinco rapazes e cinco raparigas –, que se destacaram dos restantes candidatos e que vão mostrar as suas capacidades de leitura à frente do público. Um júri formado por David Machado, Albano Jerónimo e Catarina Furtado irá escolher os três melhores. O 1.º classificado ganhará uma viagem a Londres para duas pessoas. Os vídeos dos concorrentes finalistas estão disponíveis em [www.davozaletra.gulbenkian.pt](http://www.davozaletra.gulbenkian.pt). ■

# Rumo a um Novo Pacto para a Europa



**T**ornar a União Europeia mais eficaz na resposta aos desafios enfrentados pelos europeus é um dos objetivos da iniciativa *New Pact for Europe*, a que a Fundação Gulbenkian se associou. No segundo relatório do projeto é claramente proposto um Novo Pacto entre os Estados-membros, a União Europeia e os seus cidadãos baseado em três pilares: **capacidade** (Enabling Union), **apoio** (Supportive Union) e **participação** (Participatory Union).

Os autores do relatório defendem um crescimento económico sustentável e a criação de postos de trabalho estimulando o investimento (público e privado), tanto a nível europeu como nacional. Consideram ainda que é preciso promover o investimento social e reforçar a competitividade global da Europa através do apoio a reformas estruturais, especialmente nos países menos desenvolvidos, mantendo-se assim no caminho para a consolidação fiscal.

No que diz respeito ao “apoio”, a ideia principal é a criação de um pacto social que inclua critérios e medidas específicas para apoiar os Estados-membros e grupos sociais mais afetados pela crise, para promover a competitividade da economia europeia.

Por último, no campo da “participação”, o relatório defende o reforço da relação entre a UE e os seus cidadãos. O foco não deve incidir apenas em questões tradicionais, como os poderes e papel da Comissão Europeia e do Parlamento, mas também no aumento das possibilidades de debate franco nos Estados-membros e entre cidadãos de diferentes países da UE. Os autores sublinham o papel dos mecanismos para reforçar a participação direta do público nos debates políticos da UE, mas também as formas de promover o papel dos parlamentos nacionais e também a divulgação, em maior escala, dos benefícios diretos da adesão à UE.

Segundo o relatório, para além destes três pilares principais, a UE deve implementar um novo “grande projeto”. Com o clima político e económico atual, concluiu-se que a aposta com mais potencial será no sector energético pois este acrescenta valor à Europa e oferece benefícios reais aos diferentes grupos dos Estados-membros.

O Novo Pacto para a Europa foi lançado pela King Baudouin Foundation e a Bertelsmann Stiftung e é apoiado por um grande consórcio transnacional que inclui a Fundação Calouste Gulbenkian. ■

[www.newpactforeurope.eu](http://www.newpactforeurope.eu)



## O que fica de Opus Tutti?

Babelim, Ano Frutificar, 2014 © Nuno Antunes

**D**epois de um ciclo de quatro anos, metaforicamente chamados “Germinar”, “Enraizar”, “Crescer” e “Frutificar”, o Projeto Opus Tutti apresentou nos dias 12 e 13 de dezembro, no Auditório 3 e na Sala 1 da Fundação Calouste Gulbenkian, o IV Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano e a exposição Inventário dos Frutos. Opus Tutti deixa a conceção de um conjunto de boas práticas acompanhadas por um número significativo de documentação em formato de texto, CD e filmes (uma parte significativa da qual em acesso livre através da internet) relativa às experiências que foram implementadas e que poderão ajudar a dar continuidade ao tipo de ideias e atividades criadas. Alguns exemplos-chave do que fica de Opus Tutti:

### EXPERIÊNCIAS MUSICAIS PARTICIPATIVAS

Um Plácido Domingo, Babelim e Jardim Interior foram experiências artísticas intergeracionais, com diferentes características, fundadas numa abordagem sistémica relativa à educação na infância, em que a ideia de “construção de comunidades cuidadoras” foi uma linha orientadora. Por exemplo, Babelim tem a particularidade de envolver um grupo de crianças mais velhas em interação com os mais pequeninos. Estas experiências partilham o facto de incluírem um processo de trabalho partilhado, terminando num evento artístico de carácter performativo. Procurámos a renovação das relações entre o público e os artistas, procurámos situações em que o olhar e a escuta de gente peque-

na e gente crescida se pudessem cruzar, nomeadamente através da oferta de “recursos expressivos amigáveis”, facilitadores de uma exploração sonora/musical intergeracional.

### EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO DIVERSIFICADAS

Desde o formato de *workshops* ao formato de participação ativa em experiências de carácter artístico e à própria realização do Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano, procuram-se diferentes formatos e formas de englobar diferentes públicos-alvo na convicção de que há “efeitos cascata” que se repercutem



Um Plácido Domingo, Ano Germinar, 2011 © António Roque



Jardim Interior, Ano Crescer, 2013 © António Roque

## ***O ‘pasma’ dos bebés perante várias das nossas contribuições artísticas foi também o ‘espanto’ de muitas crianças mais velhas.***

entre os vários agentes que lidam com a infância. A própria exposição *Inventário dos Frutos* pode contribuir para o enriquecimento de perspetivas de diferentes profissionais que lidam com a infância e com as artes, enquadradas no que temos vindo a designar como “formação imersiva”. Dizia um dos visitantes da exposição: “Eu gostava que houvesse um lugar assim, onde pudesse voltar para ir buscar inspiração; aprendi muito e fiquei melhor.”

### **PEÇA A PEÇA ITINERANTE (PAPI)**

Foi criado um conjunto de peças músico-teatrais portáteis, prontas a circular por creches, das quais muitas crianças puderam já usufruir. E foi criado um modelo de itinerância (Pontes de PaPI) que tem permitido que outros agentes culturais e educativos se associem ao projeto ampliando os frutos do seu impacto. Assim, os PaPI podem ser apresentados em instituições culturais e ao mesmo tempo levados a creches e jardins de infância da sua área de intervenção. Esta é parte da “face visível”, mas muito provavelmente as raízes e as sementes deixadas por Opus Tutti são o mais importante. E essas dizem respeito às transformações operadas no interior de muitas pessoas, que foram tocadas de diferentes formas: o “pasma” dos bebés perante várias das nossas contribuições artísticas, foi também o “espanto” de muitas crianças mais velhas que tiveram a oportunidade de ser nutridas artisticamente, de muitos adultos que tiveram contacto vivencial com a experiência artística e que

pela primeira vez entraram na Fundação Gulbenkian, de muitos estudantes para quem se abriram horizontes, de muitos educadores e professores a quem, dizem, se deu “alento” e inspiração, de investigadores e artistas que se cruzaram, do Centro Infantil O Roseiral onde desenvolvemos o nosso estudo-piloto, da própria equipa, hoje apta a pensar de forma diferente...

Podemos avaliar o Opus Tutti a partir de resultados materiais e as várias publicações decorrentes do projeto darão, com certeza, uma ideia de quão longe foi possível chegar graças ao apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. Não obstante, o mais importante é secreto, levado nos passos e no pulsar de quem se cruzou com Opus Tutti. Transformar-se por dentro é o essencial. Num destes dias ficámos pasmados a olhar o Jardim da Fundação e nunca nos pareceu tão incomensuravelmente belo, tão cheio de fontes de luz. Como dizia uma das visitantes do país irmão: “A gente só vai levar o outro onde a gente foi.” O Jardim Gulbenkian sempre foi maravilhoso, mas foi certamente o rasto humano de Opus Tutti que nos abriu para a claridade e gratidão com que passou a ser contemplado. Pouco se terá alterado nas cores do Jardim, mas há agora mais gente capaz de parar, deixando-se maravilhar com espanto, pela vida. ■

*Helena Rodrigues e Paulo Maria Rodrigues,  
coordenadores do Opus Tutti*



Um Plácido Domingo, Ano Germinar, 2011 © Ana Guedes



© Márcia Lessa

## O primeiro Coro Participativo

Um dos momentos marcantes da celebração dos 50 anos do Coro Gulbenkian foi a realização do primeiro Concerto Participativo, no dia 30 de novembro, que juntou cerca de duas centenas e meia de coralistas amadores ao Coro Gulbenkian para interpretar a *Carmina Burana* de Carl Orff. Trata-se de um modelo experimentado em Espanha com grande êxito pela Fundação “la Caixa” e que terá continuidade nas próximas temporadas da Gulbenkian Música. O concerto teve duas apresentações e foi dirigido por Paul McCreesh. ■



© Alexandre Nicoli

## Os 50 anos da Fundação Gulbenkian em Paris

A 3 de maio de 1965, o então ministro de Estado francês encarregue dos assuntos culturais, André Malraux, inaugurava o Centro Cultural Gulbenkian em Paris, que nascia com o objetivo de divulgar a cultura portuguesa em França. O cinquentenário da presença da Fundação Gulbenkian em França será assinalado em 2015 com um extenso programa de comemorações que inclui exposições, conferências, debates, várias publicações e a apresentação de um estudo de Rui Ramos sobre o legado da Fundação Gulbenkian nestes anos. As comemorações terão início em maio, com um programa que se estende a várias instituições em França e do qual daremos conta nas próximas edições da *Newsletter*. ■



## Novas ideias para a proteção dos oceanos

A delegação da Fundação Calouste Gulbenkian em Londres – UK Branch – e a Iniciativa Gulbenkian Oceanos criaram o projeto Marine CoLABoration, um laboratório que junta organizações ligadas ao mar e que pretende explorar formas mais eficientes de comunicar o papel dos oceanos no bem-estar das pessoas.

Constituído por nove organizações diferentes, o laboratório irá ter reuniões regulares durante os próximos dois anos com o objetivo de fazer chegar a importância dos ecossistemas marinhos às autoridades decisoras e ao público em geral, tentando também diminuir a distância entre boas práticas locais inovadoras e influenciar decisões ao nível nacional e internacional.

Através deste novo método, o Marine CoLABoration vai procurar dar resposta a algumas das problemáticas abordadas por ONG no sector ambiental e criar recursos e um espaço onde se possa promover a restauração e a sustentabilidade dos nossos mares. ■

## Prémios para exposição de ciência

A exposição *360° Ciência Descoberta*, promovida pelo Serviço de Ciência da Fundação Gulbenkian em 2013, foi distinguida este ano pela Associação Portuguesa de Museologia com os prémios de **Melhor Exposição** e de **Melhor Trabalho de Museografia**.

A exposição mostrou uma página mal conhecida da história da ciência, na qual Portugueses e Espanhóis surgem, durante o período das grandes navegações oceânicas, como precursores da ciência moderna do século XVII. A mostra integrou peças ilustrativas deste período dourado da ciência ibérica, como mapas e manuscritos raros, produtos naturais, instrumentos e livros.

Comissariada por Henrique Leitão, distinguido este ano com o Prémio Pessoa, e com projeto museográfico de Mariano Piçarra, a exposição decorreu entre março e junho do ano passado na Sala de Exposições Temporárias da Sede da Fundação. ■  
Vídeo em [www.youtube.com/FCGulbenkian](http://www.youtube.com/FCGulbenkian)

## Documentário de Tatiana Macedo distinguido nos Estados Unidos

O filme *Seems so long ago, Nancy*, realizado por Tatiana Macedo e apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian na fase de pós-produção, venceu em dezembro o Saw Film Prize, atribuído pela Associação Americana de Antropologia para distinguir uma obra que “celebre a justiça social, os universos laborais e a antropologia do trabalho”. O filme de Tatiana Macedo, artista visual e antiga aluna do curso de Fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, foi rodado em 2012 nas galerias da Tate Modern e da Tate Britain, em Londres, onde a realizadora acompanhou durante três meses o trabalho de vários vigilantes de sala, nos espaços arquitetónicos pós-moderno e neoclássico destes museus. O título do documentário remete para “um espaço mental de deriva”, refere a realizadora, explicando tratar-se de uma música de Leonard Cohen que um dos vigilantes apontou como sendo “a música que tem na cabeça durante todo o dia e que acaba por levar consigo para casa”. *Seems so long ago, Nancy* teve estreia mundial no DocLisboa 2012, e a sua mais recente exibição realizou-se em Washington DC, no passado mês de dezembro. ■



Victor Barros | 35 anos | História \*

## O Tarrafal e a deportação política no Estado Novo

**É NATURAL DE CABO VERDE E ESCOLHEU PORTUGAL, E A UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PARA A SUA LICENCIATURA, MESTRADO E DOUTORAMENTO. O QUE O LEVOU A OPTAR POR COIMBRA?**

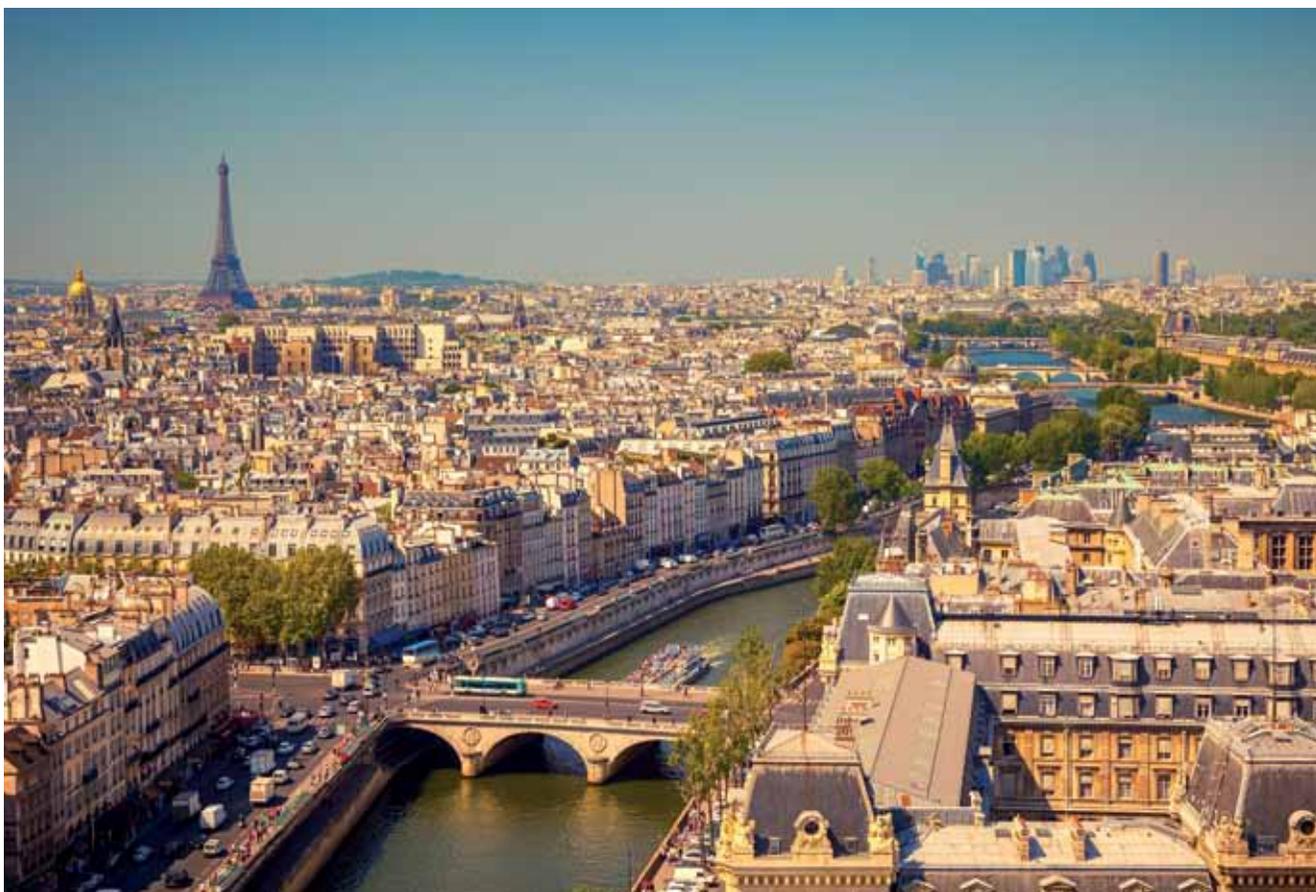
Inicialmente a escolha de Coimbra advém do facto de ter ouvido falar muito desta universidade e da sua boa reputação internacional. Na altura, tinha por lá alguns amigos e conhecidos, o que influenciou e pesou em certa medida na escolha. Porém, o que veio a ser bastante produtivo, depois da minha estadia *in loco*, foi a posição de abertura e de curiosidade a que me dispus perante a condição de possibilidade de novos encontros (académicos e interpessoais), de novas descobertas e de novos relacionamentos, com tudo o que tem que ver com a imprevisibilidade das relações humanas e interculturais e, igualmente, das novas redes de amizade que a partir dali foram tecidas a uma escala sempre diversificada e, em certa medida cosmopolita, para um meio tão pequeno como Coimbra. Aliás, estas experiências, em certa medida, moldaram até hoje uma parte significativa da minha geografia de afetos.

**COMO SURTIU O INTERESSE PELA HISTÓRIA?**

O interesse surgiu um pouco do gosto pela pesquisa e da curiosidade em estabelecer uma compreensão do presente

(com o passado que ele transporta e a moldura memorial que ele desenha). Mas também surge do fascínio quase incorrigível (se assim posso dizer) pelo que é da ordem do ausente, daquilo que já não é, mas que pode ser “retraçado” (com todas as suas limitações) pela via de uma poética escriturária que produz um tipo de saber específico que designamos de “História”. Aliás, convém salientar que eu não cresci a dizer que queria ser historiador. No entanto, a partir da experiência imediata das minhas primeiras aulas de formação, fiquei logo convencido de que era efetivamente isso que devia fazer. Logo, a revelação se deu, é isso que eu quero: vou ser historiador e fazer carreira como investigador.

**O SEU TEMA DE ELEIÇÃO É O ESTADO NOVO, MAIS CONCRETAMENTE A PRISÃO POLÍTICA E A DEPORTAÇÃO. NO SEU ENTENDER, ESTA É UMA REALIDADE POUCO ESTUDADA?** Embora existam já alguns trabalhos, penso que há ainda muito por fazer para além do que já está publicado. Desde que recebi uma menção honrosa pelo meu primeiro trabalho sobre as ilhas como espaços de prisão e de deportação política durante o Estado Novo, em 2008, no âmbito do Prémio de História Contemporânea Victor de Sá, considerei que devia continuar a aprofundar alguns tópicos do mesmo



Paris

assunto. Contudo, mudei e alarguei a minha agenda temática, assim como o âmbito epistemológico dos meus interesses de pesquisa para questões de comemoracionismo e políticas de memória, o que reverteu diretamente para uma outra forma de colocar o problema da escrita e da compreensão historiográfica do período do Estado Novo nas suas diferentes dimensões, inclusive a colonial.

**ATUALMENTE ENCONTRA-SE EM LISBOA NO ÂMBITO DE UM PROJETO DE INVESTIGAÇÃO. QUE PROJETO É ESTE?**

É um trabalho de pesquisa financiado pela Fundação Gulbenkian e que visa a publicação posterior de um livro, neste caso, de um Dicionário Histórico-Temático sobre o Campo de Concentração do Tarrafal. O objetivo é recensar e explicar um conjunto de tópicos que serão explicitados a partir da genealogia histórico-temática dos seus contextos e dos seus usos, situando-os no âmbito próprio das experiências que os originaram e lhes deram abrigo. Neste caso, trata-se de dar lugar a questões ainda dispersas e avulsas que precisam de ser fixadas através de um rigor historiográfico situado.

**COMO ESTUDANTE DE DOUTORAMENTO VIVEU EM PARIS EM 2010. COMO FOI ESSA EXPERIÊNCIA?**

Foi, sem dúvida alguma, uma experiência decisiva e determinantemente enriquecedora em todos os seus aspetos. Porque Paris não é somente uma cidade: é um mundo composto pela diversidade cosmopolita de muitos outros mundos que, a partir de dentro (e também vistos de fora), desafiam as fronteiras das nossas escalas de percepção das coisas. É uma capital onde existe uma multiplicidade interminável de ofertas culturais, de espaços de discussão, de debates, de trocas e de questionamentos constantes. Tudo isso (e muito mais), sem falar das oportunidades que tive em aceder e frequentar livrarias magníficas e bibliotecas altamente recheadas de publicações “frescas” oriundas das mais diversas latitudes. Portanto, sem essa experiência e oportunidade proporcionada pela bolsa de investigação da Fundação Calouste Gulbenkian, todo o trabalho ficaria condicionado a uma insularidade epistemológica infinitamente redutora. ■

\* *Bolsa de Investigação e Publicação de livro*, Dicionário Histórico-Temático do Campo de Concentração do Tarrafal.

## Ultimo mês para visitar quatro exposições

### Tesouros dos Palácios Reais de Espanha

Últimas semanas para apreciar uma grande exposição que reúne cerca de 150 obras pertencentes ao valioso património artístico da Casa Real de Espanha acumulado ao longo de mais de três séculos. Oportunidade para ver o melhor da produção de Espanha e da Europa em obras de mestres como Velázquez, Goya, Caravaggio ou El Greco, entre muitos outros.

A mostra testemunha não só o colecionismo esclarecido praticado pela monarquia, como também as grandes ações de mecenato que desenvolveu. Muitas das obras apresentadas remetem para a história das relações artísticas ou familiares entre Espanha e Portugal. Estas relações atravessam esta exposição, trazendo nova luz sobre alguns aspectos menos conhecidos da história das duas coroas que, no tempos dos Filipes, se tornou numa só.



Isabel de Bragança, Bernardo López Piquer 1829, Museu do Prado



Aspeto da exposição © Márcia Lessa

Fernando Bouza, catedrático de História da Universidade Complutense de Madrid e autor de um texto do catálogo da exposição, esteve na Fundação Gulbenkian para proferir duas conferências a propósito desta mostra. Na primeira, falou sobre Isabel de Bragança, uma rainha culta que morreu jovem, a quem se deve a criação do Museu do Prado, e que viajou do Rio de Janeiro para Madrid para casar com o tio materno, Fernando VII. Na segunda conferência, falou sobre o Portugal dos Filipes, período que os modernos historiadores portugueses têm vindo a incorporar já não como exterior à História de Portugal, uma espécie de inter-regno de seis décadas, mas como um período específico da nossa história.

Esta exposição é organizada pelo Patrimonio Nacional de Espanha, e tem o alto patrocínio do Rei de Espanha e do Presidente da República Portuguesa. ■

**A História Partilhada. Tesouros dos Palácios Reais de Espanha**  
Sede e Museu Calouste Gulbenkian

Comissariado: Pilar Benito García, Álvaro Soler De Campo e João Castel-Branco Pereira

Até 25 de janeiro

Terça-feira a domingo das 10h às 18h

Visitas Orientadas: dias 3, 6, 8, 10, 13, 15, 17, 20, 22, 24 de Janeiro



Aspetto da exposição © Paulo Costa



Dois Limões em Férias, 1983

## António Dacosta 1914 - 2014

**E**ntra também na reta final a exposição que assinala os 100 anos de António Dacosta e que junta 135 trabalhos representativos da sua obra, alguns dos quais inéditos ou menos conhecidos. Com curadoria de José Luís Porfírio, a mostra procura dar uma imagem abrangente da obra desta figura ímpar do surrealismo em Portugal, nascido em Angra, formado em Lisboa e que viveu grande parte da sua vida em Paris.

O corpo principal da exposição está organizado em cinco núcleos que refletem as características da sua obra: **Cena**

**Aberta, Crise Mitológica, Sul, Séries e Alfa e Ómega.**

Num espaço paralelo são exibidas ilustrações, iconografia, bibliografia, bem como desenhos e alguns apontamentos. ■

**António Dacosta**

**1914 | 2014**

Centro de Arte Moderna

Curadoria: José Luis Porfírio

Até 25 janeiro

## Animalia e Natureza na Coleção do CAM

Centro de Arte Moderna

Curadoria: Isabel Carlos e Patrícia Rosas

Até 25 janeiro

## Salette Tavares Poesia espacial

Centro de Arte Moderna

Curadoria: Margarida Brito Alves e Patrícia Rosas

Até 25 janeiro

**e ainda**

## Arshile Gorky e a Coleção

Centro de Arte Moderna

Curadoria: Isabel Carlos, Ana Vasconcelos, Leonor Nazaré e Patrícia Rosas

Até 31 de maio



## P'ra Rir! no Grande Auditório

*Design for Living*, de Ernst Lubitsch, 1933

### A grande decepção: o riso no crash americano

Rir em tempo de crise é sempre um bom remédio, sobretudo quando se trata de rir com grandes mestres da história do cinema. É desta forma que o cinema regressa ao Grande Auditório, em janeiro, com uma série de três filmes realizados após o *crash* americano de 1929: **Uma Mulher para Dois** (*Design for Living*), de Ernst Lubitsch; **Jantar às Oito** (*Dinner at Eight*), de George Cukor; e **Uma Noite Aconteceu** (*It Happened One Night*), de Frank Capra. Os dois primeiros filmes serão exibidos em sessão dupla, no dia **2 de janeiro**, respetivamente às **18h30** e **21h30** e o terceiro no dia **5 de janeiro** às **21h30**.

Esta série testemunha o modo como o riso serviu de paliativo aos efeitos devastadores das tristemente famosas quinta e terça-feira negras, com os lucros do cinema a transformarem-se em prejuízos e com cada estúdio a disputar o interesse de um público deprimido numa rede de salas em retração. Produzidos no centro deste furacão negro, entre 1933 e 1934, os três filmes que iremos ver neste programa provêm de três estúdios diferentes, Paramount, MGM e Columbia, e respondem, de maneira distinta, aos efeitos da conjuntura. Um ponto comum entre eles é o modo como procuraram tirar partido do poder terapêutico do riso, como forma de superar as contrariedades e a disposição dos seus espetadores.

**Uma Mulher para Dois** (*Design for Living*) 1933

*Realização, produção:* Ernst Lubitsch

*Interpretação:* Fredric March (Tom Chambers), Gary Cooper (George Curtis), Miriam Hopknis (Gilda), Edward Everett Horton (Max Plunkett) Franklin Pangborn (Douglas)

*Duração:* 91 minutos.

Produzido e distribuído em 1933 este filme é uma adaptação livre de uma peça homónima de Noel Coward e gira em torno de um triângulo amoroso que envolve dois artistas e uma publicitária. O trio é americano, mas a história passa-se na Europa, mais concretamente entre Paris e Londres, sendo dirigido também por um europeu, o “príncipe” de todos os cineastas: Ernst Lubitsch.

Pela sua genial e quase invisível direção, este filme é, ainda hoje, considerado o mais *sexy* e pecaminoso da história do cinema, havendo pouco quem resista à tentação de se imaginar no meio de tal incêndio. O desastre é certo, sim, mas será sempre único. E é este valor da singularidade e da sua luminosa experiência que, neste filme, tão bem funciona como resposta à crise em que, mesmo ao lado, as massas se afundam.

### **Jantar às Oito** (*Dinner at Eight*), 1934

*Realização:* George Cukor

*Interpretação:* Marie Dressler (Carlotta Vance), John Barrymore (Larry Renault), Wallace Beery (Dan Packard), Jean Harlow (Kitty Packard), Lionel Barrymore (Oliver Jordan), Lee Tracy (Max Kane), Edmund Lowe (Wayne Talbot), Billie Burke (Millicent Jordan), Jean Hersholt (Jo Stengel)

*Duração:* 111 minutos.

Este segundo filme é bem diferente. A luz de Lubitsch é aqui substituída por uma penumbrosa Nova Iorque mergulhada na Depressão. Se o trio de *Design for Living* apontava o caminho para fora da Depressão, com o grupo de *Dinner at Eight* estamos mesmo no epicentro do tormento, aqui personificado na figura trágica do arruinado armador Oliver Jordan (Lionel Barrymore). Também adaptado de uma peça de teatro com o mesmo nome, *Dinner at Eight* foi o primeiro filme produzido por David O. Selznick e realizado por Cukor para a MGM.

Rodado no tempo recorde de 27 dias, sem um único plano de exteriores, *Dinner at Eight* é como um relógio de precisão cronométrica, um impecável “produto” industrial impregnado de talento por todos os lados.

### **Uma Noite Aconteceu** (*It Happened One Night*), 1934

*Realização, produção:* Frank Capra

*Interpretação:* Clark Gable (Peter Wayne), Claudette Colbert (Ellie Andrews), Walter Connolly (Pai Andrews), Roscoe Karns (Shapeley), Jameson Thomas (Westley), Alan Hale (Danker), Arthur Hoyt (Zeke)

*Duração:* 105 minutos.

O último filme deste programa é também o mais famoso, facto para o qual contribuíram os óscares que obteve em 1934:



*Dinner at Eight*, de George Cukor, 1934

melhor filme, realização (Frank Capra), argumento (Robert Riskin), atriz e ator principais (Claudette Colbert e Clark Gable, este recebendo aqui a sua única estatueta). *It Happened One Night* contou com um público “popular” que encontrou excelentes pontos de identificação com muitas das personagens secundárias e proletárias do filme. O grande sucesso do filme ficaria a dever-se, aliás, à sua distribuição nas pequenas cidades, já que foram bem mais modestos os resultados da sua estreia nos grandes centros urbanos.

Trata-se de uma adaptação do conto “Night Bus”, de Samuel Hopkins Adams, e conta a história da revolta de uma herdeira (Ellie/Claudette Colbert) que recusando obedecer às ordens do pai, foge de Miami para Nova Iorque, encontrando, num autocarro noturno, um jornalista (Peter/Clark Gable) que a ajuda a fazer o caminho... em todos os sentidos.



*It Happened One Night*, de Frank Capra, 1934



*It Happened One Night*, de Frank Capra, 1934



*The Philadelphia Story*, de George Cukor, 1940

## Comédias de recasamento

Os títulos que compõem este programa são exemplos clássicos de comédias de “recasamento”. São quatro grandes filmes, também, todos eles protagonizados por um grande ator – Cary Grant –, que muito bem se deu com o gênero e que, juntamente com Katharine Hepburn – a quem também veremos por duas vezes –, tanto o fez progredir em direção a uma sofisticação que acabaria por afetar todo o cinema.

A série começa com uma sessão tripla no dia 10 de janeiro:

**Com a Verdade me Enganas** (*The Awful Truth*) de Leo McCarey, às 15h30, seguindo-se dois filmes de Howard Hawks, **As Duas Feras** (*Bringing up Baby*), às 18h30, e **O Grande Escândalo** (*His Girl Friday*), às 21h30. O último filme desta série, **Casamento Escandaloso** (*The Philadelphia Story*), de George Cukor, é exibido no dia 12 de janeiro, às 21h30.

**Com a Verdade me Enganas** (*The Awful Truth*), 1937

*Realização, produção:* Leo McCarey

*Interpretação:* Irene Dunne (Lucy Warriner), Cary Grant (Jerry Warriner), Ralph Bellamy (Daniel Leeson), Alexander D'Arcy (Armand Duvalle), Cecil Cunningham (Tia Patsy)

*Duração:* 91 minutos.

A peça de Arthur Richman que está na base deste filme teve grande sucesso no cinema, tendo sido adaptada quatro vezes. A história resume-se aos desentendimentos de um casal em vias de divórcio que afinal se redescobre e decide prosseguir o casamento, supostamente agora em plena e madura felicidade. Assim, de uma história discreta, que se diria no limite da anedota, McCarey extrai uma paleta infinita de pequenas “emoções matrimoniais”, não hesitando em fazer do sexo o móbil, implícito e explícito, que o filme arrasta consigo, do princípio até ao seu (sublime) final.

**As Duas Feras** (*Bringing up Baby*), 1938

*Realização, produção:* Howard Hawks

*Interpretação:* Katharine Hepburn (Susan), Cary Grant (David), Charles Ruggles (Major Applegate), Walter Catlett (Slocum), Barry Fitzgerald (Cogarty), May Robson (Elizabeth), Edmund Lowe (Wayne Talbot); Billie Burke (Millicent Jordan); Jean Hersholt (Jo Stengel)

*Duração:* 102 minutos.

**O Grande Escândalo** (*His Girl Friday*), 1940

*Realização, produção:* Howard Hawks

*Argumento:* Charles Lederer, adaptação da peça “The Front Page”, de Ben Hecht e Charles MacArthur

*Interpretação:* Cary Grant (Walter Burns), Rosalind Russell (Hildy Johnson), Ralph Bellamy (Bruce Baldwin), Gene Lockhart (Sheriff Hartwell), Porter Hall (Murphy), Ernest Truex (Bensinger), Cliff Edwards (Endicott)

*Duração:* 92 minutos.

As duas comédias dirigidas por Howard Hawks que veremos neste programa foram filmadas em 1938 e 1939, para a RKO e Columbia, respetivamente. Apesar das diferenças, ambos os filmes partilham uma mesma “insanidade” fundamental: no primeiro, Grant interpreta o papel de um paleontologista obcecado com a reconstituição de um brontossauro, no Museu de História Natural, onde trabalha, juntamente com a sua frígida e prometida noiva. Isto, antes de conhecer Susan (Katharine Hepburn), que, em 24 horas, e com a ajuda de um leopardo – o Baby, do título original –, lhe dará completamente volta à vida. No segundo, Grant é um diretor do jornal *The Morning Post*, que procura convencer a sua antiga e talentosa mulher, Hildy Johnson (Rosalind Russell), a realizar uma última reportagem, antes de a deixar partir para Albany, para aí abraçar uma nova vida, ao lado do futuro marido, o vendedor de seguros Bruce Baldwin.

#### **Casamento Escandaloso** (*The Philadelphia Story*), 1940

*Realização:* George Cukor

*Produção:* Joseph L. Manckiewicz

*Interpretação:* Cary Grant (C. K. Dexter Haven), Katharine Hepburn (Tracy Lord), James Stewart (Macaulay Connor), Ruth Hussey (Liz Imbrie), John Howard (George Kittredge), Roland Young (Willie), John Halliday (Seth Lord)

*Duração:* 112 minutos.



*The Philadelphia Story*, de George Cukor, 1940

Filme quase tão complexo como a complexa relação entre Tracy (Katharine Hepburn) e C.K. (Cary Grant), *The Philadelphia Story* retrata os paradoxos de uma burguesia pretensiosamente aristocrática da Costa Leste americana. O que há realmente de único neste filme é o modo extraordinário como o filme projeta na exterioridade das relações sociais – que parecem ser sempre superficiais – a marca de uma intimidade, ao mesmo tempo exposta e inatingível. Na indiscernibilidade das suas verdades e das suas aparências, este mundo é, como Cukor o filma, um mundo de deuses e semideuses, um Olimpo da Pensilvânia. Uma palavra ainda para o par de jornalistas de um tabloide de Filadélfia: ela (Elizabeth/Ruth Hussey) fotógrafa, ele (Macaulay Connor/James Stewart), jovem homem de letras e de espírito sensível, que se deixará encantar pela *socialite* Tracy e também ela por ele, num perturbante momento de desvario alcoólico, que é um dos muitos *must* deste filme.

O ciclo, comissariado por João Mário Grilo, prossegue nos dias 10 e 11 de fevereiro com um programa dedicado ao **Riso Europeu**, com os filmes **Romance de um Aventureiro** (*Le Roman d'un tricheur*) de Sacha Guitry, **Oito Vidas por um Título** (*Kind Hearts and Coronets*) de Robert Hamer e **Sorrisos de uma Noite de Verão** (*Sommarnattens Leende*) de Ingmar Bergman. ■



*His Girl Friday*, de Howard Hawks, 1940



*O Homem sem Passado*, de Aki Kaurismäki, 2002



*Vale Abraão*, de Manoel de Oliveira, 1993

## Harvard na Gulbenkian chega ao fim

*O ciclo de cinema “Harvard na Gulbenkian – diálogos sobre o cinema português e o cinema no mundo” chega ao fim em janeiro com as exibições dos dois últimos programas – “Topografias Cinematográficas” e “Oliveira, ou o Teatro da Inocência”. No primeiro, Vítor Gonçalves e José Luis Guerín são os convidados que vão marcar presença no Centro de Arte Moderna. No último programa, é homenageado o trabalho de Manoel de Oliveira, juntamente com Aki Kaurismäki, Matías Piñeiro e Robert Beavers.*

■ niciado em novembro de 2013, Harvard na Gulbenkian contou com a presença de cineastas como Béla Tarr, Victor Gaviria, Patricio Guzmán, Manuela Viegas, Agnès Varda, Joaquim Pinto, João Pedro Rodrigues e Tsai Ming-Liang, entre muitos outros. Uma iniciativa do Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas com o Harvard Film Archive, cinemateca da Universidade de Harvard, com curadoria de Joaquim Sapinho e Haden Guest, o programa de encontros internacionais, com projeções e debates, tem trazido a Lisboa filmes e realizadores com o objetivo de mostrar e reforçar as pontes entre o cinema português e o cinema do resto do mundo.

Em janeiro fecha-se um ciclo de cinema que durante mais de um ano marcou presença no Centro de Arte Moderna. De **9 a 11** são exibidos filmes do açoriano **Vítor Gonçalves** e do espanhol **José Luis Guerín**. *Uma Rapariga no Verão* (1986) e *A Vida Invisível* (2013), do realizador português, vão ser projetados na Sala Polivalente do CAM. Da autoria de Guerín, poderão ser vistos *Fotos na Cidade de Sylvia* (2007), *Comboio de Sombras* (1997) e *Na Cidade de Sylvia* (2007).

Ambos os cineastas estarão presentes para as sessões de debate que se seguem aos filmes.

No final do mês, nos **dias 23, 24 e 25**, ocorre o décimo segundo e último programa de Harvard na Gulbenkian. “Oliveira, ou o Teatro da Inocência” é o título do fim de semana que homenageia o cinema de **Manoel de Oliveira**. *Vale Abraão* (1993), a partir de um texto de Agustina Bessa-Luís, é o filme que abre o programa dedicado ao realizador que completou em dezembro 106 anos. Do finlandês **Aki Kaurismäki**, poderemos ver *Ariel* (1988) e *O Homem sem Passado* (2002), vencedor do grande prémio de Cannes e nomeado para o Óscar para melhor filme estrangeiro. Serão também exibidas as curtas-metragens do cineasta experimentalista **Robert Beavers** – os filmes *Ruskin* (1998), *From the Notebook of...* (2000) e *The Hedge Theater* (2002) –, e *Rosalinda* (2011) e *Todos Mentem* (2009) do jovem argentino Matías Piñeiro.

As sessões decorrem de sexta a domingo às 15h30 e às 18h com bilhetes a 5€ por sessão ou 20€ para o fim de semana inteiro. ■

## O mês do piano

Elisabeth Leonskaja

O mês de janeiro na Gulbenkian Música será dominado pelo piano, com vários grandes intérpretes a subir ao palco do Grande Auditório para recitais a solo ou para concertos com a Orquestra Gulbenkian.

**András Schiff**, considerado por muitos como a mais importante figura da música húngara da segunda metade do século xx, dá início no **dia 4, às 19h**, a uma série de recitais a solo dedicados às últimas sonatas de quatro compositores maiores: Joseph Haydn, Ludwig van Beethoven, Wolfgang Amadeus Mozart e Franz Schubert. O pianista e maestro húngaro apresentará ainda dois programas com o seu ensemble Cappella Andrea Barca, com obras de Schubert, Mozart e Dvorák (**dia 21, 21h**) e Beethoven, Mozart e Schubert (**dia 22, 21h**).

Outra presença de relevo este mês é a do grande mestre romeno **Radu Lupu**, que volta à Gulbenkian Música para duas *performances*, a primeira com a Orquestra Gulbenkian dirigida pelo jovem maestro alemão **David Afkham** (**dia 8, 21h, e dia 9, 19h**) para dar a ouvir o Quarto Concerto para piano e orquestra de Beethoven, e a segunda a solo (**dia 11, 19h**) com um programa composto por obras para piano de Brahms, Mozart, Beethoven e Schubert.

A senhora que se segue é **Elisabeth Leonskaja** (**dia 15, 21h, e dia 16, 19h**), a notável pianista russa que, na temporada 12-13 interpretou a integral das Sonatas para piano de Franz Schubert em seis recitais. Agora, com a Orquestra Gulbenkian dirigida pelo jovem maestro letão **Ainars Rubikis**, lança-se, na mesma noite, aos dois concertos de piano de Johannes Brahms.

O último pianista a entrar em ação será o britânico **Paul Lewis** (**dia 23, 19h, e dia 24, 21h**) para tocar o Concerto para piano e orquestra n.º25 de Mozart com a Orquestra Gulbenkian dirigida por **Paul McCreech**.

Mas nem só de piano vive a programação do mês de janeiro. O **Quarteto Casals**, a reputada formação de cordas catalã, que na sua última visita à Gulbenkian Música interpretou a integral dos Quartetos de Schubert, regressa agora para

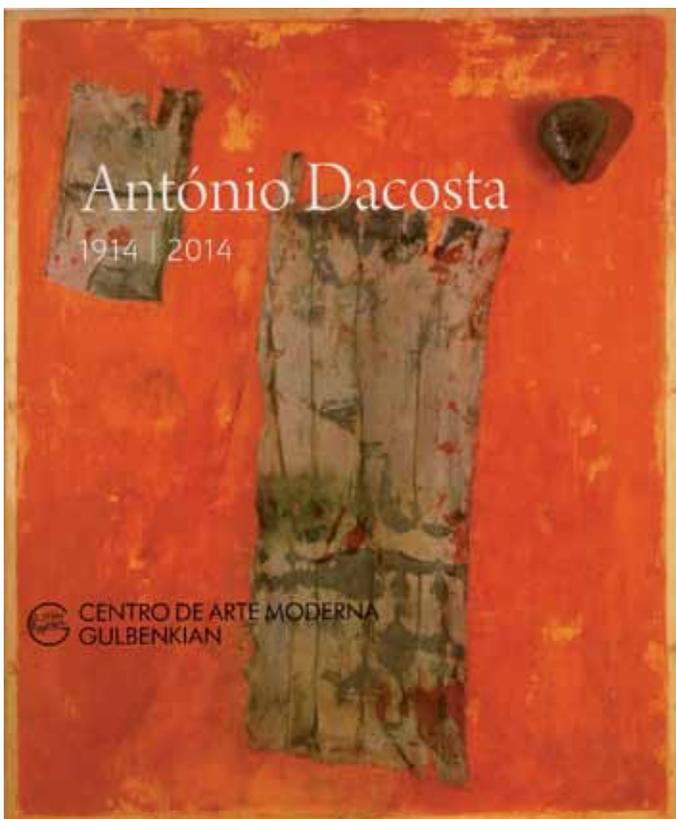
tocar um repertório totalmente composto por obras de Mozart (**dia 18, 19h**).

O mês termina com uma versão semiencenada da ópera *As Bodas de Figaro* de Mozart (**dia 30 de janeiro e dia 1 de fevereiro, 19h**), com **Paul MacCreesh** a dirigir o Coro e Orquestra Gulbenkian. Integram o elenco Matthew Rose (Figaro), Malin Chriensson (Susanna), Joshua Hopkins (Conde Almaviva), Susanna Phillips (Condessa Almaviva), Renata Pokupic (Cherubino), Cátia Moreso (Marcellina), Bárbara Barradas (Barbarina), Luís Rodrigues (Don Bartolo). A direção cénica é de Claudio Desderi, barítono e maestro italiano, que foi diretor artístico do Teatro Verdi de Pisa e do Teatro Real de Turim. A completar a programação de janeiro destacam-se as três transmissões em direto da The Metropolitan Opera, *O Barbeiro de Sevilha*, de Gioachino Rossini (**dia 3, 17h**), *A Viúva Alegre*, de Franz Lehár (**dia 17, 18h**), e *Os Contos de Hoffmann*, de Offenbach (**dia 31, 18h**). ■

Mais informações em [www.musica.gulbenkian.pt](http://www.musica.gulbenkian.pt)



David Afkham



## País das Maravilhas

“Tudo começa e acaba com um coelho, um dos últimos trabalhos de António Dacosta, um projeto de arte pública inacabado e, por certo, um dos mais conhecidos, ou antes, mais visto, ainda que de relance e apressadamente, pelas multidões que muitas horas por dia atravessam os cais da estação do Metro do Cais do Sodré em Lisboa”, escreve José Luís Porfírio, no catálogo da exposição que assinala o centenário do nascimento de António Dacosta (Angra do Heroísmo, 1914 – Paris, 1990), patente no CAM até 25 de janeiro.

Para além do catálogo *raisonné* em formato digital – [www.dacosta.gulbenkian.pt](http://www.dacosta.gulbenkian.pt) –, um trabalho pioneiro em Portugal que resultou de quatro anos de investigação e que foi lançado por ocasião da inauguração desta exposição antológica, no catálogo impresso são reproduzidas mais de 130 obras incluídas na exposição, bem como textos de Ruth Rosengarten e do curador desta mostra, José Luís Porfírio.

“Este coelho, permanentemente atrasado, casa com o quotidiano da cidade na estação de metro do Cais do Sodré, mas, transposto para esta exposição, lembra-nos a sua origem imaginária de quotidiano transfigurado como personagem introdutória ao *País das Maravilhas* que é, também, uma exposição de António Dacosta”, escreve ainda José Luís Porfírio. No seu texto “A Antítese e a Calma”, explica-se que, apesar do *corpus* da obra de Dacosta se concentrar sobretudo em duas épocas intensas, 1937-1948 e 1980-1990, esta exposição não percorre a obra de Dacosta de forma cronológica, mas antes temática, em cinco núcleos desenvolvidos neste catálogo: Cena aberta; Crise mitológica; Sul; Séries; Alfa e ómega. ■

### OUTRAS EDIÇÕES

**Tratado da Sphera, vol. I** – Obras de Pedro Nunes (2.ª edição)

**O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna**  
(2.ª edição) Maria da Assunção Folque

**Elementos de Psicopatologia Explicativa** – J.L.Pio Abreu (2.ª edição revista)

# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**

“O que teriam sido se...?” (*What might have been if...?*) foi a questão que esteve na gênese da exposição inaugurada no passado mês de outubro no Kunsthalle zu Kiel (Alemanha), onde poderá ser visitada até ao dia 8 de fevereiro. Como revela, no texto de abertura do catálogo, Anette Hüsich – diretora da instituição e uma das curadoras –, a exposição intitulada “Estrelas caídas. A Primeira Guerra Mundial como fim do caminho: vidas interrompidas, de Boccioni a Schiele” teve subjacente uma investigação realizada por todo o continente europeu que identificou cerca de 600 nomes de artistas cuja morte prematura esteve, de algum modo, relacionada com a I Guerra Mundial (1914-18). Alguns deles perderam a vida nos campos de batalha, outros foram vítimas da epidemia de Gripe Espanhola que assolou a Europa por aqueles anos, outros ainda não aguentaram o stress traumático provocado pela sua participação no conflito e suicidaram-se. Daquele conjunto, Anette Hüsich, Peter Thurmman e Anke Dornbach escolheram 60 “estrelas caídas”, de 12 países europeus – entre os quais se conta Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918), representado com cinco trabalhos do acervo do CAM –, mostrando-se 200 obras, entre pintura, desenho, gravura e escultura.

O catálogo publicado a propósito da exposição tem três textos da autoria de cada um dos curadores, a reprodução a cores de todas as obras expostas, acompanhada de uma pequena nota biográfica para cada artista e um índice contendo os 600 nomes revelados pela investigação realizada. ■



A paisagem e a sua representação na pintura dos séculos XIX e XX foi o mote da exposição que a Fundación Juan March (Madrid) apresentou entre outubro de 2007 e janeiro de 2008. Organizada com a colaboração de diversos museus europeus e americanos, que emprestaram obras dos seus acervos, a exposição “A Abstração da Paisagem, do Romantismo Nórdico ao Expressionismo Abstrato” foi inspirada por um livro do historiador de arte e curador Robert Rosenblum (1927-2006) e reuniu 124 obras em papel realizadas por 26 artistas nascidos no Norte dos continentes europeu e norte-americano, ativos desde o início de Oitocentos, como Caspar David Friedrich, até meados do século XX, como Mark Rothko, e ainda dois contemporâneos: Anselm Kiefer e Gerhard Richter. Como se escreve no catálogo, o propósito da exposição foi “mostrar a conexão pictórica, estética e histórico-cultural que existe entre a tradição do Norte da Europa, especialmente entre o paisagismo do primeiro romantismo, e a abstração moderna europeia e norte-americana”. Este catálogo – do qual se editaram duas versões, uma inglesa, que pode ser consultada na Biblioteca de Arte, e uma espanhola – está dividido em cinco capítulos, cada um com textos da autoria de diversos historiadores de arte, entre os quais Robert Rosenblum, ilustrados por reproduções de grande qualidade das obras expostas; completam-no uma bibliografia selecionada e uma cronologia de cada um dos artistas representados. ■



## Centro de Arte Moderna

# Réplica da Obra *Bailia*, 1979-2014

## Salette Tavares

**N**o contexto da exposição da artista, crítica e poetisa Salette Tavares (1922-1994), patente ao público até 25 de janeiro na Galeria de Exposições Temporárias do CAM, foi produzida uma réplica da obra *Bailia*, considerada pela artista um trabalho em poesia espacial. O original da peça que esteve na exposição individual de Salette Tavares *Brincar*, na Galeria Quadrum, em 1979, desapareceu há mais de 20 anos. A obra refeita pelo CAM em cobre metalizado cromado e com soldaduras a prata, agora pertencente à sua Coleção, é um poema-objeto que vem confirmar que a poesia pode ser apresentada em diferentes materiais de suporte, numa espécie de poema-instalação.

Em continuidade com a produção que tinha deixado em suspenso desde meados da década de 1960, foi para a exposição *Brincar* que Salette Tavares criou peças que, revelando, uma vez mais, a consequente ligação entre teoria e prática, assinalaram o aprofundamento da sua reflexão em torno da dimensão relacional da obra de arte. É precisamente essa componente, que podemos designar como “participativa” ou “performativa”, que se evidencia em trabalhos como *Bailia* – assumindo uma declarada dimensão fenomenológica –, ou como *Porta das Maravilhas*, ou *Dia Positivo*. O poema base do objeto designa-se “Bailia das avelaneiras” e o texto mais conhecido pertence a Airas Nunes de Santiago – trovador galego do século XIII:

Bailemos nós já todas três, ai amigas,  
sô aquestas avelaneiras frolidas;  
e quen for velida, como nós, velidas,  
se amigo amar,  
sô aquestas avelaneiras frolidas  
verrá bailar.

Bailemos nós já todas três, ai irmanas,  
sô aqueste ramo destas avelanas;  
e quen for louçana, como nós, louçanas  
se amigo amar,  
sô aqueste ramo destas avelanas  
verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr’al non fazemos,  
sô aqueste ramo frolido bailemos;  
e quen ben parecer, como nós parecemos,  
se amigo amar,  
sô aqueste ramo sô-l’ que nós bailemos  
verrá bailar.

Salette Tavares foi bolsreira da Fundação Calouste Gulbenkian para fazer uma especialização em Estética, em França e Itália, com Mikel Dufrenne, Étienne Souriau e Gillo Dorfles; lecionou Estética na Sociedade Nacional de Belas-Artes e no AR.CO e foi membro do grupo de Poesia Experimental Portuguesa (PO.EX), participando nos seus primeiros cadernos de poesia experimental (1964, 1966). A sua obra cruzou a produção literária e a prática artística, configurando-se como um território duplamente contaminado que se estendeu à poesia visual e à espacialização dessa poesia através de uma exploração tridimensional. ■

**Margarida Brito Alves e Patrícia Rosas**

Salette Tavares  
Réplica da Obra *Bailia*, 1979-2014  
Cobre metalizado cromado  
Dimensões variáveis  
Inv. 14E1754 – Col. CAM – Fundação Calouste Gulbenkian



---

Até 25 de janeiro  
Centro de Arte Moderna

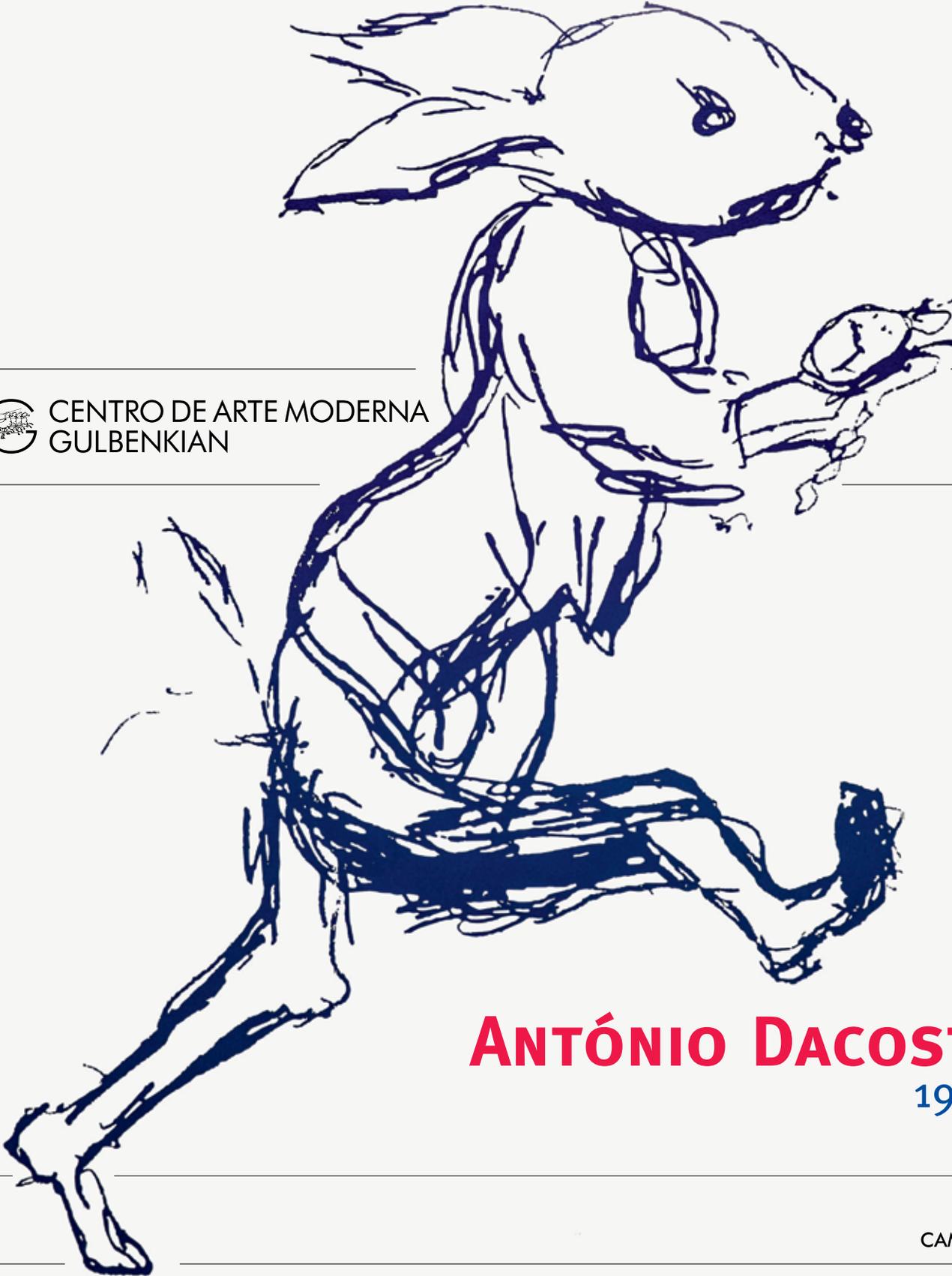
---

Jim Pate

---

 CENTRO DE ARTE MODERNA  
GULBENKIAN

---



**ANTÓNIO DACOSTA**

1914 | 2014

---

CAM.GULBENKIAN.PT

---